

Maria Elizabeth Fonseca Saraiva

O OBJETO INCORPORADO EM
PORTUGUÊS

Cadernos de Pesquisa; V. 2

1992
v. 2

O OBJETO INCORPORADO EM
PORTUGUÊS

Maria Elizabeth Fonseca Saraiva

inv 102/03/04

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



200929210

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Número 2

Janeiro - 1992

NAPO/FALE/UFMG

INTERCAMBIO COM:

doação

B. Hte. 04/02/92

PROJETO GRÁFICO DA CAPA

Sônia Márcia Correa

Cláudio Rezende

DATILOGRAFIA

Marilda Valéria Santos Azevedo

REVISÃO

Maria Elizabeth Fonseca Saraiva



FACULDADE UNIVERSITÁRIA

21 / 7 / 92

*
*
*
*

5007298-10

BRASIL

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

NÚCLEO DE ACESSORAMENTO À PESQUISA

AV. ANTÔNIO CARMOS, 6627 - SALA 2051 - 2º ANDAR

31.270 - BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS - BRASIL

Normas para publicação nos Cadernos de Pesquisa do NAPq

- 1- Os trabalhos deverão ser encaminhados na forma final para publicação, de acordo com o modelo fornecido pelo NAPq.
- 2- Deverão ter o mínimo de 20(vinte) páginas e o máximo de 60(sessenta) páginas e deverão ser datilografados com o tipo COURRIER, em espaço de 1,5 (um e meio). Títulos ou expressões sublinhados deverão vir em itálico.
- 3- Subtítulos deverão ser datilografados em caixa-baixa, em negrito, alinhados à margem esquerda. Os parágrafos deverão ser alinhados com quatro toques a partir da margem.
- 4- As notas e referências bibliográficas deverão vir no final do trabalho e deverão seguir as normas em vigor da ABNT.
- 5- Em página separada deverão vir o título do trabalho, em caixa-alta, o nome do autor, em caixa-baixa, seguido de seus dados curriculares em forma sucinta.
- 6- Os trabalhos, de inteira responsabilidade do autor, deverão ser enviados ao NAPq, via departamentos da FALÉ-UFMG, de acordo com os critérios de seleção que julgar pertinentes.
- 7- Deverão estar relacionados com as linhas de pesquisa departamentais e/ou do curso de Pós-Graduação da FALÉ-UFMG.

AGRADECIMENTOS

ao Setor de Língua Portuguesa da FALÉ, que me con
cedeu Licença Sabática de setembro de 1989 a feve
reiro de 1990;

aos colegas e amigos, Anilce Maria Simões, Hãj Ross,
Rosália Dutra e Vanda Bittencourt, pelas sugestões
valiosas.

O "OBJETO INCORPORADO" EM PORTUGUÊS

R E S U M O

Neste trabalho, procuro descrever e analisar estruturas portando "objeto incorporado", em português, sob a perspectiva da Teoria da Prototipicidade e da Análise do Discurso (numa de suas vertentes americanas).

Após a caracterização das sentenças transitivas prototípicas e a descrição dos traços morfo-sintáticos e semântico-pragmáticos dos "nomes incorporados", [chego à conclusão de que esses constituintes contribuem para um menor grau de transitividade das orações em que ocorrem.]?

Destaco, ainda, a não-topicalidade dos "objetos incorporados" e a sua [maior incidência em sentenças de "backgrounding"].?

Por fim, procuro detectar a relação icônica presente nas estruturas com "nome incorporado".

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	03
2. "OBJETO INCORPORADO": da gramática ao discurso.....	10
2.1. Caracterização do "objeto incorporado".....	10
2.2. Um esboço de classificação	35
2.3. O "objeto incorporado" no discurso.....	47
2.4. O "objeto incorporado" e o princípio da iconicidade	59
NOTAS	64
CONCLUSÃO.....	68
APÊNDICE.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

INTRODUÇÃO

Neste relatório, registro minhas primeiras observações a respeito de um aspecto de uma pesquisa de caráter mais amplo, que venho desenvolvendo e a que pretendo dar continuidade, intitulada: "Aspectos da transitividade nos discursos oral e escrito do português." O objeto de análise aqui considerado refere-se a um tipo de estrutura vigente no português: as construções portando "objeto incorporado".

Na primeira parte deste texto, procuro estabelecer o quadro de referência teórica em que me baseio. Trata-se dos subsídios fornecidos pela Teoria da Prototipicidade, assim como dos pressupostos da Análise do Discurso, tal como formulada, dentre outros, por Hopper e Thompson (1980) e Givón (1984). Nessas obras, assim como em outros trabalhos, esses lingüistas procuram fundamentar uma visão mais global da língua, considerando a sintaxe, a semântica e a pragmática com um todo unificado. Desse modo, nesta seção, destaco os traços das orações transitivas prototípicas, levando em conta aspectos formais, semânticos e funcionais.

Na segunda seção, inicialmente procedo à descrição das características morfo-sintáticas e semântico-pragmáticas do "objeto incorporado", confrontando-as com as do objeto canônico. Chego à conclusão de que aquele constituinte contribui para um menor grau de transitividade da sentença em que ocorre.

A seguir, procuro verificar se, nos discursos efetivamente produzidos, as características do "nome incorporado", salienta-

das em 2.1.; se mantêm. A resposta à indagação é afirmativa.

Ainda, na segunda parte, faço uma primeira tentativa de descrição dos contextos de ocorrência das orações em pauta. Reconheço a necessidade de prosseguir na investigação dessas sentenças, apontando os próximos rumos da pesquisa:

- a) uma busca de classificação tipológica das construções com "objeto incorporado";
- b) uma análise mais acurada das noções discursivas de "figura"/"fundo" e sua relação com as estruturas de "objeto incorporado".

Na última seção, busco demonstrar a atuação do princípio da motivação icônica, tal como preconizado por Haiman (1983), nesse tipo de sentenças em análise.

Já na conclusão é feita uma síntese dos principais aspectos abordados no decorrer do trabalho.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Hopper e Thompson (1980), em seu clássico artigo "Transitivity in Grammar and Discourse", resgatando a concepção tradicional, analisam a transitividade como uma propriedade global da oração inteira, de tal modo que uma atividade é "transferida" de um agente para um paciente. Isso significa que tal noção envolve, pelo menos, dois participantes e uma ação que é efetivada de alguma forma.

Com base nesse pressuposto, num primeiro passo, procuram isolar os vários elementos componentes do que concebem como transitividade. Levantam dez parâmetros, cada um dos quais sugere uma escala segundo a qual as sentenças podem ser classificadas em transitivas mais ou menos típicas. Desses traços, alguns focalizam mais de perto o verbo e outros, seus argumentos: o sujeito e o objeto.

Para ilustrar, considerem-se as seguintes estruturas do português:

(1) João { chutou } Maria de propósito.
 { mordeu }
 { derrubou }

De acordo com as características destacadas pelos autores, (1) exemplifica sentenças transitivas típicas. Em primeiro lugar, por que portam verbos "de ação", verbos estes que envolvem dois argu

mentos: o sujeito, João, e o objeto, Maria. Ações podem ser efetivamente "transferidas" de um agente a um paciente, estados não. Além disso, para que realmente haja "transferência", é necessária a presença de, pelo menos, dois participantes. Confrontem-se (1) com (2) - (3) abaixo:

(2) a) Joana saiu cedo.

b) Há um homem no jardim.

(3) Pedro $\left\{ \begin{array}{l} \text{conhece} \\ \text{sabe} \end{array} \right\}$ a matéria.

Em (2) as orações apresentam apenas um participante e em (3) os verbos são assinalados como [- ação]. Comparando-se (1) com (3), por exemplo, percebe-se que, de fato, algo aconteceu com o objeto das primeiras sentenças, Maria, diferentemente do que ocorre com a matéria, no último caso.

Ainda com referência a (1), verifica-se que as orações são afirmativas e os verbos estão flexionados no pretérito perfeito do indicativo. Ou seja: segundo os critérios estabelecidos pelos lingüistas mencionados, essas estruturas são marcadas como [+ "realis"] (que se opõe a "irrealis"), quanto ao modo, e [+ perfectivo], quanto ao aspecto. Uma ação codificada como não tendo ocorrido ou como ocorrendo num mundo contingente é menos eficaz que aquela cuja ocorrência é codificada como correspondendo diretamente a eventos reais. Essas distinções ficam claras ao se opor (1) a (4):

(4) a) João não { chutou } Maria.
 { mordeu }
 { derrubou }

b) É possível que João { chute } Maria.
 { morda }
 { derrube }

c) João deseja { chutar } Maria.
 { morder }
 { derrubar }

Pode-se afirmar, também, que o aspecto [+ perfectivo] das ora -
 ções de (1), conjugado com a característica [+ pontual] de seus
 verbos, assinala que a ação "passa" do sujeito ao objeto de um
 modo mais eficaz. O efeito da ação sobre o paciente é maior e
 mais imediato do que o seria em casos com verbos caracterizados
 como [- pontual] e/ou [- perfectivo], como em (5) e (6) respec-
 tivamente:

(5) João transportou a mercadoria para São Paulo.

(6) Estou comendo a maçã.

Em (5), o verbo [- pontual] evidencia uma fase de transição entre
 o início e a conclusão do evento considerado. Já em (6), a ação
 está em curso; logo, a "transferência" é apenas parcial, o que
 significa que o objeto não é totalmente afetado.

Em síntese: até o momento foram realçados os seguintes traços
 da transitividade, arrolados pelos autores focalizados:

	<u>Oração mais transitiva</u>	<u>menos transitiva</u>
a) "cinese"	ação	não-ação
b) aspecto	perfectivo	não-perfectivo
c) pontualidade	pontual	não-pontual
d) afirmação	afirmativa	negativa
e) modalidade	"realis"	"irrealis"
f) participante	2 ou mais partici- pantes	1 participante

A seguir, merecem destaque, para os objetivos deste estudo, os traços que os lingüistas referidos apresentam para caracterizar cada um dos participantes envolvidos na noção de transitividade. Para eles, numa oração transitiva prototípica, um dos argumentos do verbo, o sujeito, semanticamente deve ser um agente típico, isto é, um iniciador/controlador consciente da ação verbal (Cf. também Givón (1984:20-21), marcado com o traço [+ volitivo]. É, pois, um participante que ocupa uma das posições mais elevadas numa hierarquia de agentividade.

Para esclarecer o que se compreende por tal hierarquia, cito a escala apresentada pelos autores em pauta (o. cit. p. 272):

(7) Hierarquia de Agentividade

1ª pessoa > 2ª pessoa > 3ª pessoa > nome próprio >
humano > animad. > inanimado

Mencionando-se, ainda, o ponto de vista de Givón (1984: 107)

com referência a tal noção, percebe-se que também esse lingüista considera a agentividade como um conceito escalar, que inclui um conjunto de propriedades. Cada uma delas, por sua vez, também é concebida como uma escala. Desse modo, para Givón, um agente canônico apresentaria o traço mais à esquerda de cada uma das características abaixo arroladas:

(8) Propriedades Referentes à Noção de Agentividade

- a) Humanidade: humano > animado > inanimado > abstrato.
- b) Causação: causa direta > causa indireta > não-causa.
- c) Volição: forte intenção > intenção fraca > não-voluntário.
- d) Controle: controle evidente > controle menor > não-controle.
- e) Saliência: muito óbvio/saliente > menos óbvio/saliente > não-óbvio/não-saliente

Um agente prototípico, portanto, é caracterizado como humano, causador/controlador deliberado, causa direta e óbvia. Ainda, segundo Givón, embora diferentes línguas possam fazer seus recortes em pontos diversos das escalas apresentadas, a direcionalidade delas em relação à agentividade é universal.

Analisando-se o sujeito de (1), vê-se que atende às propriedades acima apontadas. Isso já não seria verdadeiro para os sujeitos de (9) e (10), por exemplo, em que, respectivamente, faltam os traços [+ volitivo] e [+ agente]:

(9) Pedro esqueceu-se do meu aniversário.

(10) A menina sofreu com a sua partida.

Focalizando, por fim, o objeto das estruturas transitivas canônicas, Hopper e Thompson realçam que, semanticamente, ele deve ser um paciente típico, isto é: bem individuado e totalmente afetado pela ação. Portanto a proporção em que um objeto é realmente atingido pelo evento pode criar variações que se manifestam no maior ou menor grau de transitividade da estrutura como um todo. Acrescente-se, ainda, o fato de que o componente "individuação" refere-se tanto à distinção do paciente em relação ao agente, isto é, ambos devem referir-se a entidades diferentes, como em relação à sua própria classe. Apoiando-se em Timberlake (1975,1977), os autores citam como objetos mais individuados aqueles que atendem às propriedades alistadas abaixo, à esquerda, em confronto com as da direita (Cf. op. cit. p. 253):

(11) <u>Individuado</u>	<u>Não-individuado</u>
próprio	comum
humano, animado	inanimado
concreto	abstrato
singular	plural
contável	não-contável
referencial, definido	não-referencial

Em suma: a noção de individuação refere-se ao grau em que um objeto é particularizado e visto como uma entidade específica, distinta da sua classe. (Cf. op. cit. p. 286).

As estruturas de (1) atendem aos pressupostos acima referidos com relação ao segundo participante, o paciente, o que já não se verifica na seguinte frase:

(12) Pedro feriu-se com a faca.

O pronome reflexivo, na função de objeto de (12), remete-nos ao mesmo referente do SN sujeito, sugerindo, assim, uma perda no que concerne à particularização/distinção entre os dois participantes. Logo, de acordo com esse critério, (12) deve ser alocada, numa escala de transitividade, numa posição diferente de (1), sentença transitiva prototípica.

Sintetizando os fatos arrolados nesta seção, verifica-se que cada um dos componentes da Transitividade (concebida por Hopper e Thompson como uma propriedade global da estrutura como um todo, conforme já assinalado) focaliza uma faceta diferente da efetividade e da intensidade com que uma ação é "transferida" de um participante a outro, de modo que temos uma escala, uma gradação, quando se trata de caracterizar uma sentença como transitiva.

Questões poderiam ser levantadas quanto à pertinência, ou não, de se considerar exatamente esses parâmetros mencionados ou, ainda, quanto à possibilidade de alguma redundância entre eles, como no caso das noções de agentividade e volição. No entanto, para os objetivos deste texto, será suficiente partir dos traços acima discutidos, principalmente dos que concernem ao objeto, aos quais vou-me ater mais especificamente. Para o estudo das construções de "objeto incorporado", a que vou proceder na próxima seção, tais elementos fornecem um subsídio adequado e satisfatório.

2. "OBJETO INCORPORADO" - da gramática ao discurso

2.1. Caracterização do "objeto incorporado"

Como se sabe, a tradição gramatical do português tem dado tratamento uniforme às orações cuja configuração formal apresenta-se como (SN) - V - SN, considerando que todas portam verbo transitivo direto.

Um exame minucioso do SN objeto de muitas dessas estruturas, no entanto, sugere-nos diferenças morfo-sintáticas e semântico-pragmáticas interessantes, que justificam arrolá-las em pontos diversos numa escala de transitividade, concebida nos moldes de Hopper e Thompson (1980).

É meu objetivo, a seguir, analisar um tipo de construção que se afasta das transitivas prototípicas, anteriormente discutidas, no que concerne principalmente à caracterização do complemento verbal. Considerem-se, pois, os seguintes dados:¹

(13) "Fui buscar menino no colégio (...)" . (av)

(14) "É que tinha uma rede na casa de minha avó. Então a gente vivia procurando árvore para colocar a rede."

- (15) "(...) mas aí (as doentes mentais) foram pegar ca- rona e lá é BR, fica super escuro, agora é que eles estão colocando luzes lá."
- (16) "Ela não vai dar aula no próximo semestre". (av)
- (17) "Tinha um intervalo de dez minutos pra tomar... é... tomar café, um outro na hora do almoço, mas, num era pra almoçar, era só pra comer um sanduí - che(...)"

Inicialmente, observa-se que os nomes objetos dos verbos aci ma grifados apresentam-se em sua forma básica, sem flexão quer de plural quer de feminino, conforme o caso. Além disso não vêm marcados pelo artigo ou outro determinante. Também não estão a- companhados de adjetivos ou outros modificadores. Acrescente-se a isso o fato de serem não-referenciais, isto é, não se referem a um indivíduo/uma entidade em particular no Universo do Discurs- so, construído e negociado entre falante e ouvinte². Portanto não são tópicos, no sentido de Givón (1984:137 e 388 ss)³. Com- pare-se, por exemplo, (13) a (18):

- (18) Fui buscar a filha de Maria no colégio.

Na oração acima, o SN a filha de Maria é marcado como feminino/ singular, definido e referencial. Ou seja: trata-se de uma pes soa específica, bem individualizada, a respeito da qual pode-se continuar falando.

Levando-se em conta que um dos traços dos pacientes típicos

refere-se ao grau de individualização/distintividade tanto em relação ao sujeito quanto em relação à sua classe, conforme já vimos, nota-se de saída que falta tal característica nos objetos de (13) a (17), o que não ocorre em (18), ou também em (19):

(19) Pedro derrubou o menino baixinho.

Apoiando-se, ainda, na crença de que os objetos que são mais nitidamente individualizados são pacientes potencialmente mais passíveis de serem totalmente afetados pela ação, segundo os parâmetros já discutidos, pode-se confirmar um corte entre os dados de (13) a (17) e os de (18)-(19) também com referência a esse critério. Em (18)-(19) há claramente a sugestão de que, a partir da ação executada pelos sujeitos, algo aconteceu com os objetos a filha de Maria e o menino baixinho, pacientes típicos. Já as estruturas de (13) a (17) são mais neutras com relação a essa sugestão. Assim, por exemplo, a oração (13) foi enunciada por mim numa situação em que desejava justificar um atraso. Não era minha intenção introduzir menino como tópico do discurso, participante ao qual faria referência posterior, tanto que essa estrutura foi assim complementada: "Fui buscar menino no colégio e acabei demorando (...)". Na verdade, eu havia buscado minha filha e meu vizinho, mas naquele contexto não havia necessidade de identificar os objetos, uma vez que o que me interessava comunicar era o fato de buscar menino enquanto um todo.

As observações acima aplicam-se a todos os dados de (13) a (17). Veja-se, por exemplo, que em (14) não há referência a uma

árvore em especial, que desempenha um papel no discurso posterior, mas focaliza-se a idéia de procurar árvore sob uma perspectiva global, como se se tratasse de um determinado tipo de ação. O mesmo é verdade, ainda, para (15), (16) e (17), em que os elementos grifados (verbo + complemento) são considerados como uma idéia unitária⁴.

Portanto o objeto dessas sentenças, não sendo apresentado como um participante efetivo, passível de ser tópico do discurso, perde muitas de suas características prototípicas. Tal observação pode sugerir-nos a hipótese de que os dados de (13) a (17) ilustrariam, em português, um tipo de "incorporação (ou semi-incorporação) de objeto", caso que poderia ser aproximado ao que ocorre em outras línguas, como o "Ute", Copta e Inglês, para citar apenas algumas.

Givón (1984) - dentre outros, como Du Bois (1980) e Hopper e Thompson (1980), que estudaram essa construção - assinala que se trata de um dos vários recursos de que as línguas dispõem para o rebaixamento ou democção do "status" de objetos previsíveis, estereotipados, não-referenciais ou topicamente não-relevantes. Assim, por exemplo, nas línguas ergativas, há as estruturas de nominadas anti-passivas, que ilustram um desses processos.⁵

Também as regras de movimento de dativo e cancelamento de objeto não-especificado, abaixo exemplificadas, em português, em (20) e (21), respectivamente, seriam mecanismos similares, que codificam a ausência, ou um menor grau, de saliência semântico-pragmática do paciente⁶:

(20) a) "Pede seu pai um (carro)".⁷

b) "Entregue vovô os óculos".

(21) A galinha já botou (ovo).⁸

Logo, o processo de "incorporação de objeto" ao verbo aproxima-se de outros fenômenos que resultam na supressão do "status" do objeto direto e, conseqüentemente, na redução da transitividade da oração como um todo. >

Nas línguas que ilustram tipicamente essa regra, um objeto não-referencial (aquele cuja identidade individual não importa para os propósitos da comunicação) perde muitas de suas características morfológicas e se incorpora ao radical verbal, à semelhança de um morfema, formando um único item léxico e perdendo seu estatuto de palavra independente. Desse modo, sintaticamente, o verbo manifesta-se sem complemento. (Cf. Givón, 1984:108 e 414 ss.).

Copta, uma língua nominativa como o inglês e o português, exemplifica bem esse caso. Nessa língua, os objetos referenciais definidos ou indefinidos apresentam-se com um prefixo próprio, que identifica o acusativo. Já os não-referenciais, além de perderem essa marca, incorporam-se ao verbo da forma acima descrita. Comprove-se com os seguintes dados fornecidos por Givón (op. cit. p. 416):

- (22) a) a - f - muut m - p - esou (DEF, OBJ)
 ASP - he - kill OBJ - DEF - sheep
 'He killed the sheep'
 (Ele matou o carneiro)
- b) a - f - muut n - u - esou (REF- INDEF, OBJ)
 ASP - he - kill OBJ - INDEF - sheep
 'He killed a sheep'
 (Ele matou um carneiro)
- c) a - f - meut - esou (GENÉRICO, OBJ)
 ASP - he - kill - sheep
 'He did some sheep-killing'
 (Ele matou - carneiro)

O inglês também ilustra fatos semelhantes, com sintagmas verbais nominalizados como em:

- (23) "They went out pear-picking yesterday."
 (Du Bois, (p. cit. p. 215)
 (Eles saíram para apanhar-pera ontem.)
- (24) a) "He did some deer-hunting."
 (Ele foi caçar-cervo.)
 b) "He hunted the/a deer."
 (Ele caçou o/um cervo.)
 (Cf. Givón, op. cit., p. 414)

Em (24) (b), por exemplo, um cervo específico, referencialmente único, deve estar envolvido no processo; já em (a), é mais provável que o sujeito tenha caçado vários cervos, ou gasto um tempo considerável caçando qualquer cervo que encontrasse. Refere-se, pois, a cervo em geral.

Reiterando o que disse anteriormente, até certo ponto as orações de (13) a (17), e outras que analisarei a seguir, podem ser aproximadas das estruturas de "objeto incorporado" acima descritas.

Em nossa língua, alguns traços desse tipo de construção já foram destacados: o nome apresenta-se na sua forma básica (sem flexão); não vem marcado por determinantes ou caracterizado por adjetivos ou quaisquer outros modificadores; semanticamente não é um paciente típico, bem individuado e totalmente afetado pela ação/evento, devido à sua leitura não-referencial; conseqüentemente, do ponto de vista pragmático, não é um participante efetivo, manipulável posteriormente no texto, ou seja, não é tópicoco do discurso.

Em decorrência desses traços, pode-se observar uma outra peculiaridade do "objeto incorporado" em português: não aceita anáfora pronominal na função de sujeito. Considerem-se, por exemplo, (25) e (26), correspondentes, respectivamente, a (13) e (14):

(25) **Fui busca: menino_i no colégio" e ele_i não estava lá.⁹

(26) **É que tinha uma rede na casa de minha avó. Então a gente via procurando árvore_i para colocar a rede." Ela_i tinha de ser alta.

As estruturas acima, conforme previsto, são pouco naturais, uma vez que os pronomes sujeitos grifados referem-se a SNS que não

foram introduzidos como tópicos. O mesmo não ocorre com as sentenças (18) e (19), retomadas abaixo em (27) e (28), em que os objetos considerados são introduzidos como argumentos passíveis de terem papel de relevo no texto ulterior. Confrontem-se (25) e (26) com (27) e (28):

(27) Fui buscar a filha de Maria no colégio, mas ela não estava lá.

(28) Pedro derrubou o menino baixinho, mas ele não se machucou.

Ainda outros dados confirmam a característica verificada em (25) e (26). Observem-se os seguintes exemplos:

(29) * "Então ela tá com vinte anos, tá independente, morando com esse cara, vestindo bem, trabalhando, fazendo sucesso, né?" Ele passa a incomodar seus familiares.

(30) * "(...) tinha um problema... que a mãe dela sendo cardíaca não podia ficar sozinha em casa. E nesse meio tempo, os irmãos dela revezariam, né?... e... a fazer companhia pra mãe(...)." Ela tinha de ser de boa vontade.

(31) * "O caso do abacaxi é que me deu coragem de dizer... não às explorações acontecidas aqui no pensionato." Ela foi maior do que eu poderia imaginar.

(32) * "(...) por acaso, nós entramos numa churrascaria lá, e a churrascaria daquelas assim que é a família é que toma conta, pai, mãe, filhos, todo mundo." Ela é necessária devido à falta de mão-de-obra para empregar.

(33) * "(...) o professor entrou, tomou lugar à mesa, sentou-se, tranqüilamente, mais tranqüilamente afastou a bandeja que continha o capim, deu início à aula (...)." Ele foi interrompido pela risada dos alunos.

(34) * "Sábado é dia de fazer mercado e limpar a casa." Ele fica aberto só até meio-dia.

Também os casos de (29) a (34) devem a sua estranheza ao fato de "objetos incorporados" serem retomados, posteriormente no discurso, pela anáfora pronominal na função de sujeito.

A seguir chamo a atenção para mais um traço dos complementos verbais em tela, ainda relacionado com as questões acima destacadas: [não admitem que os clínicos -o/a (ou os pronomes ele/ela na função de objeto direto) façam referência a eles.]

A propósito desse critério, seria esclarecedor abrir-se um parêntese para discutirmos a posição adotada em Perini (1989), com a qual não concordo inteiramente. Em seu trabalho, o autor procura caracterizar o objeto direto prototípico com base numa matriz de traços formais. Para ele o objeto direto é aquele constituinte com as seguintes propriedades:

- não está em relação de concordância com o núcleo do predicado, abreviadamente [- CV];
- pode ser anteposto livremente: [+ Ant];
- pode ser retomado pelo elemento (0) que/quem: [+ Q]. (Perini (1989:24))

Perini deixa de fora dessa matriz o critério, usualmente citado pelos gramáticos, da possibilidade de retomada deste constituin-
te pelas formas oblíquas -o/a. Sua justificativa é a de que "e-
xistem restrições gerais à retomada pronominal (...), que são
pouco conhecidas, e que podem impedir que o OD seja retomado a-
través de um pronome." (Cf. op. cit., p. 97). Cita como exemplo
SNs genéricos, como:

(35) "Tião cultiva bananas, e Graça pretende também
cultivar (* - las)".¹⁰

Para o autor, "o oblíquo só seria aceitável aí na acepção (algo
estranha) de que Graça pretende cultivar as mesmas bananas que
Tião já cultiva, isto é, se bananas fosse tomado em sentido não-
genérico". Devido a problemas como esses, ele descarta o traço da
matriz apresentada. Reconhece, no entanto, que tal critério tem
"valor heurístico", servindo para "identificar sem dúvidas certos
ODs, partindo-se da observação de que se um SN pode ser pronomi-
nalizado em -o/a, (...) então é um OD." (p. 98). O problema, para
ele, existiria para aqueles dados "que vale a pena considerar co-
mo ODs, mas que recusam a pronominalização."

A minha objeção a essa posição liga-se à justificativa ofe-
recida para a não inclusão do referido traço na matriz citada.
Na realidade, se o autor está trabalhando à luz de uma concep-
ção prototípica dos fatos lingüísticos, é de se esperar que nem
todos os traços do protótipo de uma classe sejam compartilhados
por todos os membros da classe. Segundo essa abordagem, os exem-

plôs menos típicos afastar-se-iam do protótipo exatamente na medida em que não tivessem certas características deste.

Se observarmos a estrutura analisada por Perini, verificaremos que a impossibilidade da aplicação do critério discutido é justamente um argumento a favor de se considerar o complemento da sentença como menos típico que, por exemplo, o das orações (1) deste texto. Esse fato, inclusive, está em consonância com os critérios semântico-pragmáticos até aqui discutidos. Bananas, na frase em pauta, não é um paciente típico, totalmente afetado pela ação, argumento manipulável no discurso. Por isso recusa a anáfora pronominal.

Penso, pois, que o critério descartado por Perini pode ser uma peculiaridade daqueles casos mais típicos. Sendo assim, poderá ser aqui usado como mais uma evidência da não tipicidade do "objeto incorporado", que estamos considerando em contraposição com o complemento do verbo das frases transitivas típicas. Para essas a pronominalização do objeto é possível, o que não é verdade para as outras. Considerem-se, novamente, as estruturas (13) e (14). Seria estranho acrescentar aí coordenadas que apresentassem o pronome oblíquo (ou o pronome ele/ela objeto), como em:

(36) * "Fui buscar menino_I no colégio", mas não o_I encontrei (não encontrei ele_I).

(37) * "(...) a gente vivia procurando árvore para colocar a rede", mas nossas vizinhas não nos ajudavam a procurá-la (*ela).

Já em (38)-(39), portadoras de pacientes típicos, isso pode ocorrer:

(38) Fui buscar a filha de Maria no colégio, mas não a encontrei (ela).

(39) Pedro derrubou o menino baixinho, mas não o machucou (ele).

Portanto, parece correta a afirmação de que a ausência do traço referido seria mais uma particularidade das construções de "objeto incorporado". Ainda fornecem evidência a esse respeito os seguintes exemplos:

(40) * "(...) E nesse meio tempo, os irmãos dela revezariam, né?" (...) a fazer companhia pra mãe (...)", pois não havia ninguém para fazê-la.

(41) * "(...) é a família é que toma conta (da churrascaria), dai. mãe, filhos, todo mundo", devido à falta de outras pessoas para tomá-la.

- (42) * "Ela vive dando mancada nas festas", mas ontem,
por milagre, ela não a deu.
- (43) * "É, doutora, cê tem que tomar cuidado", se não to-
má-lo isso pode virar pneumonia.

Todos os casos acima parecem-nos pouco prováveis de ocorrer, devido à referência do pronome ao "objeto incorporado", elemento sem muita chance de ser tratado como tópico discursivo.

Outras regras passíveis de serem aplicadas a estruturas tran-sitivas prototípicas e que parecem inadequadas para as construções em foco são a anteposição do complemento verbal e a sua retomada pelo elemento (o)que/quem. Tais regras compõem a matriz de traços do objeto direto elaborada por Perini (1989), anteriormente citada. Atente-se para os dados abaixo:

- (44) a) Maria deu o vestido de renda para Carlota.
b) O vestido de renda, Maria deu para Carlota.
- (45) a) Mamãe fez este bolo cremoso para o Zê.
b) Este bolo cremoso, mamãe fez para o Zê.

Nessas estruturas, segundo previsto por Perini, parece ser possível o transporte do objeto direto típico para o início da frase. Essa regra permite, inclusive, a presença de um "pronome-cópia", conforme ilustrado a seguir com sentenças características do português coloquial:

- (46) O vestido de renda, Maria deu ele para Carlota.

(47) Este bolo cremoso, mamãe fez ele para o Zê.

Fatos semelhantes não são observados em orações com "incorporação de objeto". O movimento desse constituinte para o início da frase geralmente é bloqueado. E mesmo nos casos em que não chega a ser propriamente inaceitável, pode-se observar que, em confronto com estruturas transitivas mais típicas, a anteposição do "nome incorporado" é sempre menos natural. Confrontem-se (44)-(47) com os seguintes exemplos:

- (48) a) Maria vive dando mancada nas festas.
 b) *Mancada, Maria vive dando nas festas.
- (49) a) Zequinha deu adeus para a professora.
 b) *Adeus, Zequinha deu para a professora.
- (50) a) Pedro fez companhia para Mariana.
 b) *Companhia, Pedro fez para Mariana.
- (51) a) Maria deu corda para o vendedor.
 b) *Corda, Maria deu para o vendedor.
- (52) a) Chiquinha vive fazendo bico para o namorado.
 b) *Bico, Chiquinha vive fazendo para o namorado.
- (53) a) A família toma conta da churrascaria.
 b) *Conta, a família toma da churrascaria.
- (54) a) Eles gostavam de cultivar tradição.
 b) ? Tradição, eles gostavam de cultivar.
- (55) a) Ela fez exame na menina.
 b) ? Exame, ela fez na menina.
- (56) a) Marlene vai dar aula no próximo semestre.
 b) ? Aula, Marlene vai dar no próximo semestre.

A presença do "pronomo-cópia" não torna essas sentenças mais aceitáveis. A propósito, como é de se esperar, esse elemento, inclusive, reforça a estranheza das orações. Comprove-se com alguns dos exemplos citados:

- (57) *Mancada_i, Maria vive dando ela_i nas festas.
- (58) *Companhia_i, Pedro fez ela_i para Mariana.
- (59) *Bico_i, Chiquinha vive fazendo ele_i para o namorado.
- (60) *Tradição_i, eles gostavam de cultivar ela_i.
- (61) *Aula_i, Marlene vai dar ela_i no próximo semestre.

Conforme asseverado antes, mesmo nos exemplos em que a anteposição do "objeto incorporado" parece viável para alguns falantes do português, pode-se verificar que, em comparação com os dados mais típicos, mostra-se menos aceitável. Confrontem-se as orações (b) de (54) a (56) com as de (62) a (64), respectivamente:

- (62) As tradições do Nordeste, eles gostavam de cultivar.
- (63) Uma tatuagem bonita, ela fez na menina.
- (64) O curso de inglês instrumental, Marlene vai dar no próximo semestre.

O outro traço característicos dos objetos canônicos, citado por Perini, é a possibilidade de sua retomada pelos elementos

(o)que/quem, em pares de pergunta/resposta, conforme atestado em (65) e (66):¹¹

(65) a) João foi buscar a filha de Maria no colégio.

b) { P. Quem João foi buscar no colégio?
R. A filha de Maria.

(66) a) Marlene deu o curso de inglês instrumental no semestre passado.

b) { P. O que Marlene deu no semestre passado?
R. O curso de inglês instrumental.

A letra (b) dos exemplos acima ilustra a adequação deste tipo de pergunta/resposta para as estruturas transitivas mais típicas.

Com relação às sentenças de "objeto incorporado", todavia, os fatos são diferentes. De um modo geral, parece inaceitável essa retomada pelos pronomes (o)que/quem. Contudo há casos em que a aplicação desta regra de pergunta/resposta não é totalmente impossível. Se comparados, no entanto, ao comportamento das transitivas canônicas, parecem menos naturais. Examinem-se os dados abaixo:

(67) a) João foi buscar menino no colégio.

b) * { P. Quem João foi buscar no colégio?
R. Menino.

(68) a) Marlene deu aula no semestre passado.

b) * { P. O que Marlene deu no semestre passado?
R. Aula

Os exemplos de (67)-(68), mesmo para aquelas pessoas que os acei-
tam, são bem piores que os de (65)-(66).

Ainda outras sentenças ilustram as observações anteriores.

Verifiquem-se:

(69) a) Zequinha deu $\left\{ \begin{array}{l} \text{adeus} \\ \text{corda} \end{array} \right\}$ para a professora.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ Zequinha deu para a professora?} \\ \text{R. } \left\{ \begin{array}{l} \text{Adeus.} \\ \text{Corda.} \end{array} \right\} \end{array} \right\}$

(70) a) Chiquinha vive fazendo bico para o namorado.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ Chiquinha vive fazendo para o namorado?} \\ \text{R. Bico.} \end{array} \right\}$

(71) a) Pedro fez companhia para Mariana.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ Pedro fez para Mariana?} \\ \text{R. Companhia.} \end{array} \right\}$

(72) a) Ela fez exame na menina.

b) ?? $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ ela fez na menina?} \\ \text{R. Exame.} \end{array} \right\}$

(73) a) Eles gostavam de cultivar tradição.

b) ?? $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ eles gostavam de cultivar?} \\ \text{R. Tradição.} \end{array} \right\}$

(74) a) Maria vive dando mancada nas festas.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ Maria vive dando nas festas?} \\ \text{R. Mancada.} \end{array} \right\}$

(75) a) A família toma conta da churrascaria.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ a família toma?} \\ \text{R. Conta da churrascaria.} \end{array} \right.$

(76) a) Pedro prestou atenção ao desfile das candidatas.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ Pedro prestou?} \\ \text{R. Atenção ao desfile das candidatas.} \end{array} \right.$

(77) a) Ela deu parte do crime à polícia.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ ela deu à polícia?} \\ \text{R. Parte do crime.} \end{array} \right.$

Os três últimos exemplos apresentam algumas diferenças que justificariam arrolá-los em um grupo separado dos demais numa taxonomia dos "objetos incorporados". Porém, para o que nos interessa no momento, podem ser aqui incluídos, uma vez que demonstram a inadequação do par pergunta/resposta para a estrutura em questão.

Comparem-se, ainda, orações como as de (72) e (73), respectivamente, com (78) e (79):

(78) a) Ela fez uma tatuagem bonita na menina.

b) $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ ela fez na menina?} \\ \text{R. Uma tatuagem bonita.} \end{array} \right.$

(79) a) Eles gostavam de cultivar as tradições do Nordeste.

b) $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ eles gostavam de cultivar?} \\ \text{R. As tradições do Nordeste.} \end{array} \right.$

Essas últimas sentenças são bem melhores que (72) e (73), confir

mando as previsões assinaladas.

É útil insistir, mais uma vez, que, tendo em vista os pressupostos teóricos deste texto, que abrem espaço para um tratamento escalar dos fatos lingüísticos, não se espera um comportamento uniforme de todos os dados analisados, nem julgamentos idênticos de todos os falantes. Os exemplos mais típicos de uma determinada classe suscitam menos controvérsias, ao passo que as intuições costumam flutuar quando se trata de casos mais marginais. Deve-se, pois, fazer uma leitura dos julgamentos registrados não em termos absolutos, mas em termos de um grau maior ou menor de aproximação ao parâmetro estabelecido.

Continuando a ter esses pressupostos em mente, pode-se registrar mais uma peculiaridade das construções em pauta. A clivagem do "objeto incorporado", em geral, soa mais estranha que a do objeto canônico; há casos, inclusive, que parece mesmo impossível de ocorrer. Comparem-se os exemplos de (80) e (81) com os de (82) a (87):

(80) Foi a filha de Maria que João foi buscar no colégio.

(81) Foi um perfume que ela deu para o namorado.

(82) ?? Foi menino que João foi buscar no colégio.

(83) ?? Foi satisfação que ela deu para o namorado.

(84) ?? Foi companhia que Pedro fez para Joana.

(85) * Foi corda que ela deu para o vendedor.

(86) * Foi parte do crime que ela deu à polícia.

(87)* É conta que a família toma da churrascaria.

É conta da churrascaria que a família toma.

Como discutirei mais adiante, apesar de, no nível da gramática, examinando-se sentenças isoladas de contexto, anteposição e clivagem do "objeto incorporado" não serem regras bloqueadas para todos os casos, nos discursos efetivamente produzidos - dos 110 exemplos detectados - não houve um sequer que ilustrasse a aplicação dessas regras.

Com relação ao par pergunta/resposta, dada a natureza narrativa dos textos examinados, não era de se esperar que ocorressem exemplos desse tipo de retomada pronominal. Porém, mesmo em textos avulsos de conversação, que tive oportunidade de analisar, e em que diálogos dessa natureza são previsíveis, não detectei um único caso de "objeto incorporado" nas condições descritas pela regra.

Neste ponto gostaria de retomar uma característica semântica das construções em exame: nessas estruturas, verbo + complemento formam um conjunto semanticamente coeso, traduzem uma idéia unitária. Essa leitura, a propósito, coaduna-se com os outros traços, já referidos, das orações de "objeto incorporado". Conforme procurei demonstrar, o "nome incorporado" não é um paciente típico, não é interpretado como um participante claramente individualizado ([+ referencial]) e afetado pela ação/evento, argumento com possibilidade de desempenhar uma função de relevo no discurso posterior. Portanto a falta de saliência semântico-pragmática desse elemento favorece a interpretação de verbo + nome como um fato

global.

Como evidência a favor dessas considerações, gostaria de destacar a seguinte particularidade: as sentenças de "objeto incorporado", com a intercalação de sintagmas adverbiais de modo entre o verbo e o complemento, soam mais artificiais que aquelas em que os adverbiais vêm pospostos à expressão. Verifiquem-se:

- (88) a) Ela deu adeus $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{carinhosamente}} \\ \underline{\text{alegremente}} \end{array} \right\}$ para mim.
- b) Ela deu adeus para mim $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{carinhosamente}} \\ \underline{\text{alegremente}} \end{array} \right\}$.
- c) ?? Ela deu $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{carinhosamente}} \\ \underline{\text{alegremente}} \end{array} \right\}$ adeus para mim.
- (89) a) Eles me fizeram companhia $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{espontaneamente}} \\ \underline{\text{de boa vontade}} \end{array} \right\}$.
- b) ?? Eles me fizeram $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{espontaneamente}} \\ \underline{\text{de boa vontade}} \end{array} \right\}$ companhia.
- (90) a) Parece que ele deu mancada $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{de propósito}} \\ \underline{\text{propositalmente}} \end{array} \right\}$.
- b) ?? Parece que ele deu $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{de propósito}} \\ \underline{\text{propositalmente}} \end{array} \right\}$ mancada.
- (91) a) Fui buscar menino no colégio rapidamente.
- b) ?? Fui buscar: rapidamente menino no colégio.
- (92) a) "Eu tenho olhado com outros olhos os meus amigos que usam álcool" $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{sem controle}} \\ \underline{\text{excessivamente}} \end{array} \right\}$.
- b) ?? Eu tenho olhado com outros olhos os meus amigos que usam $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{sem controle}} \\ \underline{\text{excessivamente}} \end{array} \right\}$ álcool.

- (93) a) "O Collor de Melo (...) é um cara que tã sendo bem produzido... que faz parte do esquemão anti-go" ativamente.
- b) ?? O Collor de Melo é um cara que tã sendo bem produzido... que faz ativamente parte do esquemão antigo.
- (94) a) Ela fazia mercado alegremente: era uma desculpa para sair de casa.
- b) ?? Ela fazia alegremente mercado: era uma desculpa para sair de casa.
- (95) a) Gosto de tomar café $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{vagarosamente}} \\ \underline{\text{bem devagar}} \\ \underline{\text{aos pouquinhos}} \end{array} \right\}$.
- b) ?? Gosto de tomar $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{vagarosamente}} \\ \underline{\text{bem devagar}} \\ \underline{\text{aos pouquinhos}} \end{array} \right\}$ café.

Repare-se, no entanto, que a colocação típica dos advérbiais de modo em português, segundo assinalado em Saraiva (1978), é a posição imediatamente após o verbo. De acordo com as previsões desse trabalho, os advérbios de modo distribuem-se com liberdade pós-verbalmente, embora se possa observar que quanto mais se afastam do verbo ao qual se referem, mais difícil é o processamento/ a compreensão da sentença. Os casos em que o advérbio vem justaposto ao verbo facilitam a interpretação da estrutura. Comparem-se (96) e (97):

- (96) Maria cumprimentou naturalmente sua rival, no merca

do, hoje cedo.

- (97) Maria cumprimentou sua rival, no mercado, hoje cedo, naturalmente.

Há casos, inclusive, com os advérbios bem e mal, em que as únicas colocações naturais são logo após o verbo ou, no máximo; após um SN simples. Vejam-se os exemplos:

(98) a) Sônia Braga interpretou $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{bem}} \\ \underline{\text{mal}} \end{array} \right\}$ D. Flor.

b) Sônia Braga interpretou D. Flor $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{bem}} \\ \underline{\text{mal}} \end{array} \right\}$.

(99) a) Maria cantou $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{bem}} \\ \underline{\text{mal}} \end{array} \right\}$ para o júri.

b) ? Maria cantou para o júri $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{bem}} \\ \underline{\text{mal}} \end{array} \right\}$.

(100) a) Maria estudou $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{bem}} \\ \underline{\text{mal}} \end{array} \right\}$ a lição que a professora marcou.

b) ?? Maria estudou a lição que a professora marcou $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{bem}} \\ \underline{\text{mal}} \end{array} \right\}$.

Portanto, os advérbios bem e mal apresentam uma distribuição mais limitada, favorecendo a colocação imediatamente após o verbo.

Confrontando as considerações acima sobre o comportamento canônico dos advérbios de modo em português com as observações sobre a sua distribuição em frases com "complemento incorporado", constata-se o seguinte: esse último caso foge ao padrão típico no que concerne ao posicionamento dos advérbios em pauta. Contrariando a

norma, a colocação desses itens logo após o verbo, antes do objeto, é mais estranha que a sua distribuição depois do conjunto verbo/complemento. Mesmo em se tratando dos advérbios idiossincráticos bem e mal, que, conforme visto, favorecem a posição imediatamente depois do verbo, a conclusão acima se mantém. Ilustram muito bem isso os exemplos abaixo:

- (101) a) Você não sabe lavar roupa bem.
 b) * Você não sabe lavar bem roupa.
- (102) a) Você só sabe lavar roupa mal.
 b) * Você só sabe lavar mal roupa.
- (103) a) Ela fazia pirueta $\left\{ \begin{array}{l} \text{bem} \\ \text{muito mal} \end{array} \right\}$.
 b) ?? Ela fazia $\left\{ \begin{array}{l} \text{bem} \\ \text{muito mal} \end{array} \right\}$ pirueta.

Logo, os fatos que acabamos de descrever pedem uma explicação. E essa pode ser encontrada no que se observou anteriormente: nas construções de "objeto incorporado", verbo + objeto formam uma expressão semanticamente coesa, de tal forma que o advérbio de modo, quando presente, deve modificar o conjunto verbo/complemento como um todo, e não o verbo isoladamente. Daí a sua posição preferencial ser aquela após o nome-objeto.

Resumindo o que se viu nesta subseção, pode-se afirmar que as estruturas aqui analisadas apresentam um menor grau de transitividade que as transitivas canônicas, descritas na subseção anterior, no que se refere à caracterização do complemento verbal. Como se assinalou, o "objeto incorporado" porta vários traços que

representam estratégias de demoção do estatuto de objeto. Em síntese: [o "nome incorporado" apresenta-se na sua forma básica e não vem acompanhado de determinantes, adjetivos ou quaisquer outros elementos modificadores.] É um paciente menos típico, marcado como não-referencial. Não é tópico do discurso. Conseqüentemente não admite ser retomado por anáfora pronominal, quer na função de sujeito, quer na de objeto. Não comporta, ainda, a retomada pelos pronomes (o)que/quem. Sua anteposição ou clivagem mostram-se mais limitadas que nos casos de objetos canônicos [Semanticamente forma com o verbo um todo coeso; logo tem sua posição fixada imediatamente após o verbo, não aceitando vir dele separado,] por exemplo, pela intercalação de advérbios de modo.

2.2. Um esboço de classificação

Considerada em termos intuitivos, a leitura de "incorporação do objeto" ao verbo pode apresentar variações, algumas vezes sutis, dependendo do grau de saliência semântico-pragmática do objeto em questão. Assim, é de se esperar que, mantidas as características gerais desse tipo de construção, anteriormente referidas, certos nomes sejam incorporados mais facilmente, como, por exemplo, os marcados com os traços [- animado] ou [- concreto].

A esse respeito, embora seja prematura qualquer tentativa de tipologia dessas estruturas, é interessante observar algumas diferenças entre elas. Em primeiro lugar, ocorrem-me alguns casos que representam construções mais ou menos consagradas, estereotipadas, muitas das quais devem ser interpretadas metaforicamente. Dentre esses casos, podem-se citar as expressões de "xingamento", tais como:

(104) Vai { plantar batata!
tomar banho!
chupar prego!
pentear macaco! }

Também ilustram estruturas cristalizadas os seguintes exemplos:

(105) Pare de catar { piolho }! Você vai acabar se dando mal.

(106) Você deve dar banana para todos eles e tratar de cuidar da sua vida.

(107) Ela deu corda para o vendedor.

(108) "Já que ele não me dá bola, vou partir pra outra."

Penso que, de alguma forma, ainda podem ser incluídas neste grupo as frases abaixo:

(109) O doente deu entrada no hospital ontem.

(110) Ela vive dando mancada!

(111) Ela deu adeus para mim.

Todas elas ilustram expressões mais ou menos consagradas, usuais na língua corrente.

É possível que devam ser relacionadas num segundo tipo de construção de "objeto incorporado" estruturas mais produtivas, isto é, aquelas cujo complemento é menos previsível, menos este reotipado. Em outras palavras, trata-se daqueles casos em que o falante não tem, ao seu dispor, expressões já prontas, das quais possa se apropriar, mas deve, ele mesmo, "criar" a construção, dependendo das suas intenções comunicativas, da perspectiva sob a qual deseja apresentar o evento. Como exemplificação, considere-se as seguintes sentenças.

(112) Ele está fazendo pirueta na cozinha.

(113) Esse terreno não é bom para plantar eucalipto.

(114) Ela não demora. Foi só ali na farmácia buscar remédio para você

(115) Essa água não é própria para fazer comida. Só serve para lavar vasilha.

- (116) Ela foi lá para pedir emprego e acabou encontrando um noivo.

Dentre os dados aqui analisados, de orações transitivas menos típicas no que concerne à caracterização do complemento verbal, um provável terceiro grupo seria ilustrado pela frase abaixo:

- (117) "Ele fez uso de drogas e bebidas durante muito tempo".

Essa estrutura exemplifica um tipo de fusão verbo/complemento de tal ordem que poderia ser substituída por um único item léxico: usou. Na realidade, em (117), o núcleo do SN objeto é um substantivo que representa uma nominalização do verbo usar e se incorpora ao verbo fazer, cujo significado básico, neste contexto, mostra-se bastante empalidecido.

Outras locuções formadas pela "incorporação de objeto", passíveis de substituição por um verbo cognato do nome complemento, seriam:

- (118) "O Lula vai dar apoio às greves? O País vai parar". (APOIAR)
- (119) "(...) o professor entrou, tomou lugar à mesa, sentou-se, tranqüilamente, mais tranqüilamente afastou a bandeja que continha o capim, deu início à aula, prosseguiu nela, deu uma aula brilhante diante da surpresa, pra não dizer estupefação dos estudantes (...)" (INICIAR)¹²

- (120) "(...) antes dela tomar o remédio, não fizeram exame nela pra saber se ela era alérgica (...)"
(EXAMINAR)
- (121) Ela fez limpeza na casa ontem cedo. (LIMPAR)
- (122) O menino deu chute na parede até cansar. (CHUTAR)
- (123) Angela fez massagem nas minhas costas. (MASSAGEAR)
- (124) "O Collor de Melo (...) pra mim é continuísmo. Ele é um cara que tá sendo bem produzido... que faz parte do esquemão antigo (...)" (PARTICIPAR)
- (125) "E aí cê tava me falando que teve contato com o Secretário de Saúde de Fortaleza (...)" (CONTATAR)
- (126) "O caso do abacaxi é que me deu coragem de dizer ... não às explorações acontecidas aqui no pensio-nato." (ENCORAJAR)
- (127) "Você tá fazendo fofoca." (FOFOCAR)
- (128) "É esse (louco) que ficava tomando banho no pátio."
(BANHAR-SE)

De início verifica-se que há uma "atenuação" do significado básico dos verbos grifados nesses exemplos, sendo que a interpretação principal da expressão fica a cargo do "nome incorporado". Isso verifica-se mesmo com os verbos "de ação". A propósito, constata-se que verbos como fazer e dar, assim como tr e tomar, são muito freqüentes nesse tipo de estrutura.

Por outro lado, reiterando o que vem sendo observado ao longo deste texto, os complementos desses verbos não são percebidos como verdadeiros pacientes, "receptores da ação verbal". Não por

tam os traços, aqui assinalados, dos objetos típicos. Logo, afetam a transitividade global das sentenças em que aparecem.

Ainda seria interessante estabelecer-se um paralelo entre algumas das estruturas apresentadas e as construções "aparentadas" com os verbos cognatos. Compare-se, por exemplo, a sentença (117) com a que segue:

(117) "Ele fez uso de drogas e bebidas durante muito tempo".

(129) Ele usou drogas e bebidas durante muito tempo.

O objeto direto de (129), em (117) é demovido dessa função, aparecendo num caso oblíquo, isto é, regido de preposição (neste dado, SPrep, complemento de uso). O mesmo fato pode ser verificado no confronto das frases (118)-(119) com (130)-(131), respectivamente:

(118) "O Lula vai dar apoio às greves? O País vai parar".

(130) O Lula vai apoiar as greves? (...)

(119) "(...) o professor entrou, tomou lugar à mesa, sentou-se, tranqüilamente, mais tranqüilamente afastou a bandeja que continha o capim, deu início à aula, prosseguiu nela, deu uma aula brilhante diante da surpresa, pra não dizer estupefação dos alunos(...)."

(131) O professor (...) iniciou a aula (...).

Já com relação a (120), (121), (122) e (123), se comparadas com (132), (133), (134) e (135):

- (132) (...) não a examinaram pra saber se ela era alérgica (...) ? (ou não examinaram ela)
- (133) Ela limpou a casa ontem cedo.
- (134) O menino chutou a parede até cansar.
- (135) Ângela massageou as minhas costas.

constata-se o seguinte: os pacientes de (132) a (135), nas frases correspondentes (120) a (123), apresentam-se sob a forma de um SPrep, com a interpretação semântica de locativo. Tendo em vista a hierarquia de topicalidade e relevância semântico-pragmática estabelecida por Givón, tal processo representa um rebaixamento do estatuto sintático e funcional dos constituintes em questão (Cf. op. cit., p. 169-170). Conseqüentemente, seria mais um dos fatores que contribuem para um menor grau de transitividade da frase como um todo. Verifica-se, pois, que dos pares acima considerados, as orações de (129) a (135) apresentam um grau de transitividade maior que as suas correspondentes, em que os pacientes aparecem demovidos desse caso.

Sem dúvida alguma, a opção por um ou outro tipo de construção depende da perspectiva em que o falante se coloca diante do evento a relatar, do(s) aspecto(s) que deseja iluminar, destacar e da queles que prefere deixar num segundo plano. Portanto um acontecimento pode ser codificado de diferentes formas, segundo a escolha (consciente, ou não) do falante.

Tendo esses fatos em vista, lembre-se que, com os exemplos de (117) a (128), estamos considerando dados em que a "incorporação" do complemento ao verbo é apresentada de forma tal que a locução

assim constituída é passível de substituição por um único item léxico. Com isso, porém, não queremos afirmar que as orações com "objeto incorporado" e as com "verbo simples" tenham interpretações exatamente equivalentes. Acabamos de verificar as diferenças ocorridas na interpretação do paciente de algumas delas. Vejamos, a seguir, outras distinções relevantes que algumas das sentenças em pauta ilustram.

A entando-se, por exemplo, mais uma vez para (125):

(125) "E aí cê tava me falando que teve contato com o Secretário de Saúde de Fortaleza (...)." (CONTATAR)

percebe-se que, com o uso da expressão (você) teve contato, em vez de contatou, dilui-se o grau de "agentividade", de participação do sujeito na ação referida. Há um maior grau de volição por parte do agente, quando se usa o verbo simples. Nesse caso há a sugestão de que o sujeito é o iniciador/controlador do processo, de que a iniciativa para a efetivação do acontecimento partiu dele. A locução teve contato, ao contrário, pode indicar, inclusive, um acontecimento mais casual, ou não promovido pelo sujeito.

Considerando-se que os agentes mais efetivos (mais conscientes) marcam as estruturas como transitivas mais típicas com referência a esse argumento, também sob essa perspectiva é possível afirmar que (125) porta um menor grau de transitividade.

O mesmo é verdade, também, para outras estruturas já mencionadas, que discutirei a seguir. Antes, porém, desejo ressaltar que as observações que acabei de tecer não devem ser vistas como

generalizações aplicáveis a todos os casos, indistintamente. Servem, apenas, de ilustração das diferenças de interpretação constatadas em consonância com as formas variadas de codificação dos eventos.

Apresentado o esclarecimento, voltemos para outros dados semelhantes a (125). Examine-se novamente (128):

(128) "É esse (louco) que ficava tomando banho no pátio."

Essa frase não é exatamente paralela a

(136) É esse (louco) que ficava se banhando no pátio.¹³

Em (136) há a sugestão de uma maior participação/decisão do sujeito com relação à ação expressa que em (128). Nessa atenua-se a leitura de agente por parte do sujeito.

É útil recordar-se que, segundo Hopper e Thompson, cada um dos componentes da noção de transitividade, vista sob a perspectiva esca- lar, contribui de modo diferente para a transitividade geral da frase. Nos dados em análise, a opção pelo verbo simples ou pela expressão tem implicações para a interpretação semântica do sujeito e da estrutura como um todo. Note-se que, mesmo em exemplos como (117), em que o verbo da locução (fazer) em outros contextos é nitidamente um verbo de ação (o que não ocorre com ter e tomar em (125) e (128), respectivamente), dilui-se a "agentividade", a responsabilidade do sujeito no evento enunciado.

Confirmando, ainda, a diversidade de interpretação dos pares

assinalados, observe-se o exemplo abaixo, colhido em outra parte do texto em que aparece (120):

(137) "... só de início, quando ainda não tinha examinado a Ana Paula, ela (a médica) me desenganou, mas depois que ela examinou ela tá me dando esperança."

Nessa oração, o primeiro pronome refere-se à médica e o segundo à Ana Paula. Verifica-se que o uso da forma simples do verbo sugere uma ação que parte do agente e se direciona rapidamente para o seu alvo, o paciente, realçando o seu efeito sobre ele, sem se de-
ter no evento propriamente dito. Já com referência à locução fazer exame os fatos são outros. Veja-se que, enunciando-se uma frase como "a médica fez exame nela", o objeto incorporado contribui pa-
ra dar um "corpo fonológico" maior ao verbo, o que traz como conse-
quência um deslocamento da atenção para o ato de examinar em si, que é iluminado num primeiro plano. Simultaneamente, o alvo fica obs-
curecido, num segundo plano, demovido a locativo, como já tivemos ocasião de comentar. Se retornarmos o conceito tradicional, segun-
do o qual verbos intransitivos são aqueles "que podem conter em si toda a significação do predicado sem acréscimo de objeto" (Kury, 1970:24), [verificaremos que as construções de "objeto in-
corporado" se aproximam, numa escala de transitividade, das es-
truturas intransitivas, na medida em que há uma maior concentração de interesse no evento do que, propriamente, nos participantes.]

Parece-me que as observações acima são pertinentes também pa-
ra os dados de (117) a (123).

Outros exemplos que servem, ainda, de evidência a favor dos fatos assinalados são:

- (138) "Eu tô tentando ver de uma forma mais globalizante (...) a probabilidade do próprio processo da depressão abrir caminho ou proporcionar ao soma, ao organismo (...) essa dependência."

Esse caso é interessante, na medida em que o falante, após enunciar uma expressão com "objeto incorporado", procura substituí-la por um verbo simples. O efeito da segunda opção é reforçar a interpretação metafórica de causador/controlador do processo enunciado, atribuída ao SN sujeito desta sentença. Com a locução de "objeto incorporado" dá-se menos relevo a essa leitura.

Atente-se, ainda, para:

- (139) "A medida que ele foi crescendo, ele foi partici... é... começou a .. a tomar contato com a vida política, foi vendo muita injustiça (...)."

A expressão escolhida - (começou a) tomar contato - , em vez do verbo simples partici(pando), sugere que os fatos iam-se apresentando, ocorrendo ao sujeito ("ele"), sem que ele os buscasse, necessariamente. Já a forma simples, participando, denota maior agentividade do SN sujeito, um envolvimento consciente maior.

Finalmente, ainda merece destaque a locução fazer amor em es

truturas do tipo de (140):

(140) Naquele dia, Pedro fez amor com Maria.

Contrastando-se essa oração com

(141) Naquele dia, Pedro amou Maria.

evidencia-se a não-equivalência entre expressões com "objeto incorporado" e frases "aparentadas" com verbos simples. Em (141), o objeto Maria é paciente, na medida em que é o alvo/recebedor do sentimento que parte de Pedro em direção a ele. Essa frase é neutra quanto à co-participação do objeto no sentimento expresso. Isso, porém, não é verdadeiro para (140). Na sentença com a locução fazer amor, o SN Maria é demovido para um caso oblíquo, regido pela preposição com. Perde, portanto, a leitura de paciente, havendo a sugestão de uma co-participação do complemento no ato expresso pela locução. Há um certo grau de "agentividade" na interpretação deste complemento, que nos leva a pensar no "caso associativo", proposto por Givón (1984:113). A interpretação dessa frase aproxima-se da de

(142) Naquele dia, Pedro e Maria fizeram amor.

No entanto, enquanto em (142) o sujeito composto coloca no mesmo nível de importância os dois participantes, em (140) dá-se maior relevo a Pedro, sujeito/tópico da estrutura.

Com referência à comparação entre (140) e (141), deve-se ressaltar, também, que a locução fazer amor é marcada para expressar um tipo de amor: o sexual. Já o verbo simples, em (141), é neutro quanto a esse aspecto.

Em resumo, nesta subseção, embora prematuramente, procurei distinguir tipos diferentes da construção com "objeto incorporado". Algumas dessas estruturas, como se viu, são mais estereotipadas, enquanto outras são mais produtivas. Há, ainda, aquelas cujo conjunto verbo/objeto pode ser substituído por um verbo cognato do nome complemento. Muitas delas apresentam um SPrep - complemento do nome objeto - referido ao "nome incorporado", correspondente, nas frases com o verbo simples, ao paciente desta estrutura.

Comentei, ainda, que as formas diversas de codificação do evento refletem diferentes perspectivas sob as quais o falante se coloca, não havendo, assim, verdadeira equivalência entre os pares contrastados.

2.3. O "objeto incorporado" no discurso

2.3.1. Nas subseções precedentes foi feito um levantamento dos traços que caracterizam a construção de "objeto incorporado" em português. Nesta parte pretendo verificar até que ponto, nos discursos efetivamente produzidos, tais características se manifestam. Para tanto, selecionei um corpus constituído de, aproximadamente, 6 horas de narrativas orais, algumas na 1ª pessoa e outras na 3ª. Seguindo a proposta de Labov (1972), as narrativas de 1ª pessoa tratam de situações difíceis em que os informantes se viram, muitas delas com risco de vida. As de 3ª pessoa referem-se a filmes assistidos ou situações presenciadas pelos informantes (que, de alguma forma, os afetaram). De um modo geral, em todas as narrativas há um envolvimento emocional do falante, de forma que a língua usada aproxima-se bem da coloquial espontânea. Os informantes são graduados ou estudantes de Curso Superior.

Nessas narrativas detectei 110 casos de "objeto incorporado" e pude constatar a adequação de todos os traços anteriormente levantados com referência a estas estruturas. Ilustram bem isso os seguintes dados:

- (143) "Aí uma vez uma colega emprestou um litro de leite pra essa outra e, e... no outro dia ia precisar pra fazer doce né e ela teve coragem de... de entrar, de devolver quatro dedinhos de leite."

(144) "E e.. eu não costumo dormir com outras pessoas dirigindo (...). Eu sempre presto atenção, olho, mas eu tava com tanto sono que eu abria o olho e fechava, abria e fechava. E ele dirigindo, ele rápido (...)"

(145) "(Tinha um cara lá) (...) com bombacha e assim, normalmente, como se fosse ali pra almoçar, com camisa normal, sapato normal, mas bombacha. (...) era uma pessoa comum. Aí... eu pensei assim: eles devem gostar muito de cultivar tradição, num sei como é que se pode chamar isso." (Segue-se a enumeração de outros fatos.)

Em tais exemplos, assim como nos demais coletados, pode-se observar que, realmente, os nomes assinalados apresentam-se na sua forma básica, não havendo quer anteposição quer clivagem do objeto. Do mesmo modo, não se verifica a intercalação de advérbios entre o verbo e o substantivo, nem a retomada por pronomes na posição de sujeito ou objeto. Os complementos são expressos por nomes não-referenciais. Logo esses "objetos incorporados" não funcionam como tópico do discurso, não são participantes/argumentos manipuláveis nos textos em que ocorrem.

A propósito, gostaria de ressaltar esse último traço das construções em análise. Hopper e Thompson, em seus vários trabalhos (dentre eles no de (1984)), assim como Givón ((1979) e (1984)) e Du Bois (1980), bem como outros lingüistas, têm insistido no fato de que o pap l discursivo desempenhado por uma forma dada "parece ser o fator principal que condiciona a sua apresentação como um membro central ou periférico de sua cate-

goria." (Cf. Hopper e Thompson (1984:709)). Todos esses lingüig tas têm ressaltado que um dos critérios que parecem ser de maior significância lingüística é o da saliência ou proeminência no discurso. Portanto justifica-se a menor "marcação" morfo-sintática dos "objetos incorporados" por se tratar de elementos que não são foco de atenção/ênfase no discurso em que aparecem. Sua iden tidade específica não é importante na comunicação. Em outras pa lavras, o falante "escolhe" codificá-los como membros periféricos de sua classe por não pretender dar a eles o estatuto de tó pico discursivo, argumento passível de retomada posterior, "aqui lo a respeito de que se pretende falar." (Cf. Pontes, 1987:13).

Conforme adverte Givón (1984:137), os argumentos nominais das proposições se hierarquizam numa escala segundo seu grau de importância. A manifestação principal de tópicos importantes no discurso é a continuidade, expressa através da frequência de ocorrência. Um tópico importante é como um "leit motif" nos parágrafos temáticos, atravessando-os, ocorrendo em cadeias de orações "equi-tópicas".

Deduz-se daí que os "objetos incorporados" são um recurso para assinalar que a exata identidade, referencialidade do SN não interessa para os fins comunicativos. São um recurso para assinalar elementos que "codificam um ponto de vista mais previsível, provável" (Cf. De Lancey, apud Givón, op. cit., p.160), portanto sem muita possibilidade de ser foco de atenção.

Voltando aos dados aqui apresentados, verifica-se que servem de ilustração às considerações acima. Atentando-se para os nomes grifados nas orações de (143)-(145), constata-se, mais

uma vez, que não têm um papel discursivo proeminente, que não são entidades a respeito das quais se pretende falar.]

Em (143), por exemplo, não se está focalizando doce e coragem, mas o comportamento de uma colega em relação à outra.

Em (144), presto atenção constitui uma idéia unitária, seguida da enumeração de outras ações executadas pelo falante. Esse, representado no discurso pelo pronome eu, é o tópico contínuo.

Também em (145), o nome tradição incorpora-se ao verbo cultivar, formando um todo semântico. Não constitui um argumento manipulável posteriormente no texto.

Ainda outros exemplos podem ser citados como evidência a favor da falta de saliência semântico-pragmática dos "nomes incorporados". Observem-se os casos abaixo:

(146) "(...) a Ana Paula num pode, ela num pode pegar piscina, num pode pegar sol, então nós vamos com os nossos amigos, os filhos, Ana Paula num pode ir (...)".

(147) "E essa maneira de ela pôr as mãos nos olhos, de, eu acho que é pra chamar atenção, ou então pra nos preocupar, nos agredir."

(148) "(...) eu sou louca por telefone, uma coisa que me fascina é um telefone, me faz companhia, me quebra todos os galhos (...)". (Segue-se a enumeração de outras qualidades)

(149) "(...) aí ele pediu.. telefonou prum lugar.. e pediu.. farmácia né? pra levar remédio lá pra mim.. e tal..." (Segue-se a enumeração de outras providências tomadas.)

Conforme mencionado para os dados anteriores, também nas orações acima os substantivos grifados não funcionam como participantes do discurso. Em (146), os nomes piscina e sol, incorporados ao verbo pegar, constituem com ele um todo, que participa da enumeração dos fatos proibido: à Ana Paula, tópico-principal desse texto.

Já em (147), a locução chamar atenção é codificada paralelamente a preocupar, agredir, atitudes referentes ao argumento Ana Paula, neste trecho retomado pelo pronome ela. O nome atenção não é, pois, saliente no discurso.

O mesmo pode ser dito, ainda, de (148). Aí o centro de interesse recai sobre a importância do telefone para o falante (eu). O substantivo companhia, "objeto incorporado" ao verbo fazer, não é introduzido como um participante neste exemplo, mas integra uma expressão que, por sua vez, faz parte da enumeração das vantagens de um telefone.

Finalmente, em (149), mais uma vez vemos confirmadas as previsões referentes à não-topicidade do "nome incorporado"; também aí a locução levar remédio é percebida como uma idéia unitária e o SN. remédio não é um argumento passível de retomada posterior no discurso.

Neste ponto será interessante discutir dois casos que, a

princípio, podem parecer contra-evidência para as considerações anteriores, devido à repetição do "substantivo incorporado". Examinem-se os seguintes dados:¹⁴

(150) "(...) mas aí (as doentes mentais) foram pegar carona e lá é BR, fica super escuro, agora é que eles estão colocando luzes lá. Pediram carona, na mesma hora passou um carro. Entraram as duas... foram pro motel..."

(151) "(...) então o chipanzê foi.. no acampamento dela, os chipanzês né, o grupo, e eles chegaram lá e começaram a comer banana.. e ela começa a imitar.. a maneira deles comerem banana justamente pra tentar adquirir a confiança do chipanzê."

Apesar da repetição dos nomes grifados nos exemplos acima, isso não significa recorrência no sentido de retomada de tópico, proeminência discursiva. Em (150), "foram pegar carona"/"pediram carona" referem-se a um tipo de ação executada pelo sujeito, as doentes mentais, elíptico neste trecho. Entre a primeira expressão e a segunda, há a intercalação de estruturas de "backgrounding".¹⁵ Daí a necessidade da repetição, ainda que com verbos diferentes, para dar prosseguimento à narrativa. Entretanto, em momento algum, carona passa a ser o alvo de interesse da comunicação. Este centraliza-se nas doentes mentais, tópico principal.

Também em (151), o SN banana, apesar de repetido, não é destacado como um participante do discurso em foco; não é, por exemplo, retomado por pronomes anafóricos. Trata-se da recorrência da expressão toda (verbo + "objeto incorporado"), que funciona como uma oração de "fundo", definidora do substantivo maneira.

Os dados de (150) e (151), portanto, não contradizem o que se afirmou anteriormente com relação ao "objeto incorporado".

Desse modo, conforme visto, todas as características desse elemento, arroladas nesta segunda seção, demonstram tratar-se de um complemento verbal menos típico, que contribui para um menor grau de transitividade das estruturas em que ocorrem.

2.3.2. Ainda um outro aspecto digno de nota refere-se aos contextos em que ocorrem as construções de objeto incorporado. Analisando os 110 casos detectados nas narrativas examinadas, verifiquei alguns fatos interessantes que, a princípio, parecem fornecer evidência a favor do seguinte pressuposto de Hopper e Thompson (1980): há uma correlação entre as noções discursivas de "figura" ("foregrounding") e "fundo" ("backgrounding") e transitividade. Sentenças mais transitivas costumam ocorrer principalmente na "figura", enquanto as mais baixas numa escala de transitividade se alocam prioritariamente no "fundo".

Embora o estudo detalhado dessa questão seja a próxima etapa de minha pesquisa, gostaria de apontar, desde já, minhas pri

meiras observações neste sentido. Quero deixar claro, porém, que se trata apenas do registro de caminhos que ainda serão explorados.

Como se sabe, os estudiosos de narrativas orais espontâneas têm feito uma distinção entre o que constitui a estrutura da narrativa propriamente dita (isto é, a seqüência dos eventos que constituem a "estória", que respondem à pergunta - "o que aconteceu?") e o que representa uma estrutura de suporte que, por si mesma, não narra os eventos principais, mas comenta, avalia, caracteriza, descreve, provê explicações, etc. É a primeira que Hopper e Thompson chamam de "foregrounding", em oposição à segunda, de "backgrounding".

Essa distinção tem-se mostrado relevante, na medida em que fornece explicação para as diferenças detectadas na língua usada nesses dois momentos. Assim, num trabalho anterior ao acima citado, Hopper (1979) estabelece uma série de características do par "figura"- "fundo". Antes dele, Labov (1972) também já havia arrolado traços peculiares a um e outro componente da estrutura narrativa.

Aqui chamo a atenção apenas para aquelas distinções que se mostraram mais pertinentes para o corpus analisado. Desse modo, um primeiro fato a ser comentado refere-se ao estatuto da oração independente, ou principal, declarativa, afirmativa, ativa.¹⁶

Givón (1979), concordando com os gramáticos tradicionais e os lingüistas gerativistas, que a consideram a mais básica, a mais neutra de todas as orações, procura justificar sua posição demonstrando que se trata da estrutura que, no discurso, apre

senta menor grau de complexidade pressuposicional, além de ser a mais freqüente de todas.¹⁷ Orações reduzidas, subordinadas, passivas, negativas, interrogativas, optativas, imperativas, etc. são mais marcadas nesse sentido, apresentando maior complexidade sintática, mais restrições distribucionais, além de serem gramaticalizadas mais tarde pelas crianças e apresentarem mais conservadorismo sintático.

Ora, segundo Labov (1972: 362 e 375), as orações básicas são as que predominam na "figura", uma vez que contribuem para o desenrolar da "estória": são elas que realmente narram os fatos. Daí denominá-las "orações narrativas". Já as variantes mais pressuposicionais predominam no "fundo".

Além disso, observa-se uma alta freqüência de verbos no pretérito perfeito nas "orações narrativas". As estruturas da "figura" são predominantemente factuais ("realis"). Por outro lado, aquelas formas associadas com um menor grau de asseveração, e principalmente as não-factuais ("irrealis"), são mais encontradas no "backgrounding": formas optativas, negativas, no subjuntivo, modais, etc. (Cf. Hopper, 1979:216).

Examinando os contextos em que aparecem as construções de "objeto incorporado", pude verificar que, dos 110 casos detectados, apenas 21 ocorrem em estruturas tipicamente da "figura": todas são orações independentes ou principais, declarativas, afirmativas, ativas.¹⁸ Além disso, dessas orações, 17 apresentam o verbo flexionado no pretérito perfeito e 4 no presente, seguindo o padrão do tempo em que a narrativa geral se desenrola. O reconhecimento dessas estruturas como "orações narrativas"

foi ainda facilitado pela presença de "organizadores de eventos" como: "ai", "então", "ai então".

Além disso, encontrei, ainda, 11 casos de "objeto incorporado" em sentenças que representam discurso direto, subordinadas a verbos de "orações narrativas". Apesar da incerteza quanto à classificação correta dessas estruturas, observe-se que, se elas forem computadas como pertencendo à "figura", teremos aí, um total de 32 casos de "objeto incorporado".

Os outros 78 exemplos da construção em estudo aparecem em orações que fazem parte de comentários à margem da narrativa principal ou representam avaliações, descrições, explicações, etc. fornecidas pelo falante. Podem, pois, ser arroladas como sentenças pertencentes ao "fundo". Uma característica freqüente, detectada nessas estruturas de suporte, é a mudança do tempo/aspecto verbal: se a narrativa se dá no pretérito, por exemplo, as "avaliações" costumam vir no presente com valor habitual, no futuro com valor hipotético, no subjuntivo, etc.

Desses 78 casos, 65 ocorrem em orações claramente mais presuposicionais, no sentido de Givón (1979). Os "objetos incorporados" dessas sentenças estão assim distribuídos: a) 37 deles aparecem em orações reduzidas (9 de gerúndio e 28 de infinitivo); b) 22, em orações subordinadas desenvolvidas (segundo a terminologia tradicional); c) 6 ocorrem em orações independentes, porém marcadas, segundo os parâmetros de Givón; a saber: 4 negativas e 2 com o modal ter que (precedido do auxiliar ir, no presente, com valor, portanto, de futuro).

Restam 13 exemplos detectados em orações independentes, ou principais, mas que devem ser considerados como estruturas de



"fundo", conforme assinalado anteriormente, por representarem material de suporte ou comentários à margem dos eventos principais.

Em suma: das 110 estruturas examinadas, constata-se a ocorrência de 78 casos de "objeto incorporado" em sentenças de "backgrounding", sendo 65 delas estruturas claramente mais pressuposicionais. Apenas 32 exemplos constituem orações que pertencem à estrutura narrativa propriamente dita.

Esses fatos parecem corroborar, pois, as previsões de Hopper e Thompson (1980). Conforme se disse antes; tais autores estabelecem uma relação entre as estruturas mais transitivas e a noção discursiva de "foregrounding", bem como entre as estruturas menos transitivas e a noção de "backgrounding". Ora, conforme já tive ocasião de comentar, as sentenças com "objeto incorporado" afastam-se das transitivas prototípicas no que concerne à caracterização do complemento verbal. Não poderia passar despercebida, pois, a constatação de que a maior incidência do "objeto incorporado" se dá em sentenças de "backgrounding", quase todas mais pressuposicionais (Cf. Givón (1979), portanto orações que se afastam das mais transitivas com referência também a outros dos parâmetros estabelecidos por Hopper e Thompson.

Encerrando minhas observações nesta parte, desejo ressaltar, mais uma vez, que todos os fatos aqui discutidos estão relacionados com as decisões que os falantes tomam com base no maior ou menor grau de acesso que têm à situação do ouvinte, sobre "como apresentar o que têm a dizer". (Cf. Hopper e Thompson (1980:295)).

Fazendo, agora, um percurso retrospectivo de tudo o que aqui se considerou, temos o seguinte quadro:

a) na subseção 2.1., busquei fazer um levantamento dos traços morfo-sintáticos e semântico-pragmáticos caracterizadores do chamado "objeto incorporado". Procedi, ainda, a um confronto entre esse tipo de construção e aquelas consideradas transitivas prototípicas, concluindo que as primeiras contribuem para um menor grau de transitividade da oração como um todo.

b) Posteriormente, em 2.2., fiz uma primeira tentativa de classificação das estruturas em exame, procurando distinguir, pelo menos, três grupos diferentes.

c) Por fim, em 2.3., apresentei o resultado da análise de 110 casos de "objeto incorporado" em narrativas orais espontâneas. Procurei verificar se, nos discursos efetivamente produzidos, os traços arrolados para a construção em foco se manifestavam. A resposta a essa indagação foi afirmativa. Além disso, houve a intenção de destacar a não-topicalidade dos "nomes incorporados", ou seja: o fato de não serem SNs introduzidos como participantes passíveis de retomada posterior no discurso.

Procedi, ainda, em 2.3.2., a uma tentativa inicial de exame dos contextos de ocorrência das estruturas em pauta. Embora consciente da necessidade de prosseguir na investigação dos fatos aí mencionados, aventei, com base em Hopper e Thompson, uma hipótese de correlação entre as noções de transitividade e "figura"/ "fundo". Constatei haver uma maior incidência de "objeto incor-

porado" em sentenças de "backgrounding". Esse dado sugeriu-me, portanto, um caminho a percorrer nas próximas etapas desta pesquisa.

A seguir, na próxima seção, busco examinar uma possível relação entre as construções analisadas neste trabalho e o princípio da iconicidade.

2.4. O "objeto incorporado" e o princípio da iconicidade

O caráter arbitrário do signo lingüístico, apresentado em termos categóricos por Saussure, pode ser neutralizado em certos aspectos, conforme salientam Haiman (1983) e Lakoff e Johnson (1980). Embora estudando a relação forma/conteúdo com propósitos distintos, esses lingüistas acabam invocando pensamentos semelhantes, o primeiro sob o rótulo do "princípio da motivação icônica" e os outros sob o prisma de "princípios metafóricos" que se manifestam na linguagem, mas como uma consequência do papel que exercem na própria estruturação e definição do nosso sistema conceptual.

Com a formulação do princípio universal da iconicidade, Haiman (1983) pretende demonstrar que, em muitos casos, há uma relação mais direta, motivada, entre forma e conteúdo, conforme

explicitada nas seguintes passagens:

A) "A distância entre expressões lingüísticas pode ser um índice iconicamente motivado da distância conceptual entre os termos ou eventos que elas denotam."
(p. 781)

B) "A separação lingüística de uma expressão corresponde à independência conceptual do objeto ou evento que ela representa." (p.783)

Em outras palavras, a maior ou menor proximidade dos elementos estruturadas na sentença pode indicar uma maior ou menor proximidade semântica.

Essa também é a idéia de Lakoff e Johnson (1980:129), quando postulam que "se o significado da forma A afeta o significado da forma B, então, quanto mais próxima a forma A estiver da forma B, maior será o efeito do significado de A sobre o significado de B".

É meu intento, nesta seção, ilustrar a atuação desses princípios nas estruturas de "objeto incorporado". De início, porém, seria interessante discutir um outro caso em que se pode deprender a relação icônica na constituição sintática do português.

Considerem-se, pois, os exemplos abaixo (semelhantes a casos do inglês analisados por Borkin (1984)):

(152) Acho essa cadeira confortável.

(153) Acho que essa cadeira é confortável.

A sentença (152) ilustra o tipo de predicado chamado "verbo-

nominal" pelos nossos manuais de gramática. Já em (153), o verbo principal "achar" tem como complemento uma oração. Note-se que, em (152), verbo, objeto e predicado acham-se formalmente mais próximos do que em (153), formando um todo mais coeso. Seguindo as previsões do princípio da iconicidade, é possível que, a essa diferença estrutural, corresponda uma diferença na interpretação semântica das sentenças. Isso significa dizer que uma oração não é necessariamente paráfrase da outra, como sugerem muitos gramáticos escolares. E, realmente, é isso que se pode constatar. Na estrutura de predicado verbo-nominal, a idéia é de que o falante acha a cadeira confortável como resultado de uma experiência mais direta, imediata, como, por exemplo, assentando-se nela. Já (153) não implica necessariamente esse tipo de experiência. Ao contrário, a sugestão é de uma impressão mais indireta, seja baseada na opinião de outras pessoas, seja na aparência do objeto, etc. Essas diferenças semânticas entre os dois tipos de construção podem ser comprovadas em enunciados como os de abaixo, em que é estranho negar-se a predicação referente a "essa cadeira" em (152), mas é perfeitamente natural fazê-lo em (153):

(152') ? Acho essa cadeira confortável, mas ela não o é.

(153') Acho que essa cadeira é confortável, mas ela não o é.

Ainda como evidência a favor das diferenças acima detectadas, repare-se que, na oração de predicado verbo-nominal, o SN "essa cadeira" exerce a função sintática de objeto direto. Essa função

coaduna-se com a interpretação apresentada de uma experiência mais direta do sujeito (experienciador) em relação ao objeto (experienciado). Já em (153), o SN em questão é o sujeito da oração subordinada, perdendo, pois, essa sugestão de experiência do/paciente.

Ora, considerações como essas levam-nos a questionar a posição transformacionalista adotada por alguns gramáticos e linguistas a esse respeito. Segundo eles, construções de predicado verbo-nominal como (152) seriam derivadas de orações subjacentes do tipo de (153). (Cf. Luft (1976:30) e Rocha (1962:38)). O que se constata, na verdade, é que a cada configuração formal corresponde uma interpretação semântica diferente.

Neste ponto, retomo o tema deste estudo, estruturas com "objeto incorporado", para analisá-las à luz dos postulados de Haiman e Lakoff e Johnson. Observem-se, novamente, os seguintes exemplos:

- (48) Maria vive dando mancada nas festas.
- (50) Pedro fez companhia para Mariana.
- (53) A família toma conta da churrascaria.
- (54) Eles gostavam de cultivar tradição.

Conforme discutido nas seções precedentes, os SNs acima grifados não são pacientes típicos, bem individuados e totalmente afetados pela ação/evento; apresentam uma leitura não-referencial; do ponto de vista pragmático, não são tópicos do discurso, logo não aceitam retomada pronominal na função de sujeito ou objeto: ainda, como consequência desses fatos, são pouco n

turais as frases em que se aplicam clivagem ou anteposição desses constituintes. Todos esses traços contribuem para uma interpretação de verbo + objeto como um todo semântico, de tal forma que a colocação de adverbiais de modo, por exemplo, entre esses dois elementos soa estranha: a posição adequada para esses adverbiais é após o conjunto verbo/complemento.

Ora, revendo essas características sob o prisma da motivação icônica, chega-se à conclusão de que também as estruturas com "objeto incorporado" oferecem evidência a favor desse princípio. Lembre-se de que "a separação lingüística de uma expressão corresponde à independência conceptual do objeto ou evento que ela representa", conforme assevera Haiman, acima citado. Portanto, de acordo com as suas previsões, os objetos formal e semanticamente menos individualizados tendem a se incorporar mais facilmente ao verbo, formando uma idéia unitária, como examinamos ao longo deste trabalho.

coaduna-se com a interpretação apresentada de uma experiência mais direta do sujeito (experienciador) em relação ao objeto (experienciado). Já em (153), o SN em questão é o sujeito da oração subordinada, perdendo, pois, essa sugestão de experiência do/paciente.

Ora, considerações como essas levam-nos a questionar a posição transformacionista adotada por alguns gramáticos e linguistas a esse respeito. Segundo eles, construções de predicado verbo-nominal como (152) seriam derivadas de orações subjacentes do tipo de (153). (Cf. Luft (1976:30) e Rocha (1962:38)). O que se constata, na verdade, é que a cada configuração formal corresponde uma interpretação semântica diferente.

Neste ponto, retomo o tema deste estudo, estruturas com "objeto incorporado", para analisá-las à luz dos postulados de Haiman e Lakoff e Johnson. Observem-se, novamente, os seguintes exemplos:

(48) Maria vive dando mancada nas festas.

(50) Pedro fez companhia para Mariana.

(53) A família toma conta da churrascaria.

(54) Eles gostavam de cultivar tradição.

Conforme discutido nas seções precedentes, os SNs acima grifados não são pacientes típicos, bem individuados e totalmente afetados pela ação/evento; apresentam uma leitura não-referencial; do ponto de vista pragmático, não são tópicos do discurso, logo não aceitam retomada pronominal na função de sujeito ou objeto; ainda, como consequência desses fatos, são pouco n

turais as frases em que se aplicam clivagem ou anteposição desses constituintes. Todos esses traços contribuem para uma interpretação de verbo + objeto como um todo semântico, de tal forma que a colocação de adverbiais de modo, por exemplo, entre esses dois elementos soa estranha: a posição adequada para esses adverbiais é após o conjunto verbo/complemento.

Ora, revendo essas características sob o prisma da motivação icônica, chega-se à conclusão de que também as estruturas com "objeto incorporado" oferecem evidência a favor desse princípio. Lembre-se de que "a separação lingüística de uma expressão corresponde à independência conceptual do objeto ou evento que ela representa", conforme assevera Haiman, acima citado. Portanto, de acordo com as suas previsões, os objetos formal e semanticamente menos individualizados tendem a se incorporar mais facilmente ao verbo, formando uma idéia unitária, como examinamos ao longo deste trabalho.

NOTAS

¹Os dados apresentados nas subseções 2.1. e 2.2. foram assim obtidos: alguns foram detectados em gravações de narrativas orais espontâneas (cf. subseção 2.3., para mais detalhes a respeito desses dados), enquanto outros foram anotados no momento de sua enunciação pelo falante (marcados como "avulsos" - av). Ambos vêm as sinalados por aspas.

Devido ao tipo de indagação desenvolvida nessas subseções, porém, algumas vezes foi necessário recorrer a exemplos que não foram colhidos em discursos efetivamente produzidos. (Esses ocorrem sem aspas).

²Cf. Givón (op. cit. p. 423 ss).

³Esta noção será mais explorada na parte 2.3. deste texto.

⁴Mais à frente vou retomar esse conceito, apresentando fatos que o comprovam.

⁵Givón (op. cit., p. 151 ss) apresenta o seguinte esclarecimento: línguas ergativas são aquelas em que o sujeito das orações intransitivas e o objeto das transitivas recebem a mesma marca - o caso absolutivo -, enquanto o sujeito das sentenças transitivas recebe uma marca própria - o caso ergativo.

De um modo geral, o caso ergativo é morfologicamente marcado, enquanto o absolutivo é morfologicamente não-marcado (zero).

Em muitas línguas ergativas (embora não em todas), há a chamada construção anti-passiva (AP), um recurso que evidencia um menor grau de transitividade da estrutura, aproximando-a das orações intransitivas. Em primeiro lugar, o objeto na construção AP não recebe a marca geral do caso absolutivo, comum na construção ergativa, mas uma marca de oblíquo/objeto indireto. Nesse sentido, a fra

se não tem um objeto direto. Além disso, freqüentemente como conseqüência, o sujeito/agente perde seu traço característico de ergatividade, ficando não-marcado (portanto, no caso absolutivo).

Givón analisa tal construção numa série de línguas, concluindo que todas elas oferecem evidência de que a anti-passiva opera em contextos pragmático-discursivos em que o objeto é menos referencial ou menos tópico (no sentido de ser menos importante/contínuo).

Com relação às línguas nominativas, Givón (p. 147) lembra que a categoria "sujeito" é assinalada independentemente de a oração ser transitiva ou intransitiva. Portanto, em contraste, o objeto direto das sentenças transitivas recebe uma codificação diferente, seja em termos de morfologia, seja na ordem de vocábulos, ou seja uma combinação de ambas. Também nessas línguas há recursos que assinalam objetos menos-típicos: são as regras de incorporação de objeto, supressão de objeto não-especificado e demissão do "status" de objeto direto, conforme se verá a seguir.

⁶Para esclarecer essa idéia de saliência semântico-pragmática, realçada por vários estudiosos de tipologia lingüística, convém lembrar o que nos diz Comrie (1983).

Analisando diferentes construções numa série de línguas, esse autor conclui o seguinte:

"a construção menos marcada formalmente é também menos marcada em termos de propriedades do mundo real ou, mais acuradamente, em termos da concepção do mundo que as pessoas têm." (p. 2)

Desse modo, segundo ele, há uma correlação entre os fatos lingüísticos e situações pragmáticas.

Para captar muitas generalizações válidas através das línguas, Comrie propõe uma hierarquia de saliência de sintagmas nominais. Esta, constituída de duas sub-hierarquias, abaixo arroladas, deve ser interpretada assim: os SNs mais à esquerda de cada escala são mais salientes que os da direita (Cf. p. 14-15).

- a) Definido > indefinido específico > não-específico
- b) 1ª e 2ª pessoas > outros humanos > outros animais > inanimados.

⁷ Em um artigo anterior (Cf. Saraiva (1987)), estudo este tipo de construção do português coloquial, em que o objeto indireto se move para a posição logo após o verbo, antes do objeto direto, havendo a elipse da preposição que o introduz. Em português, embora esses casos sejam registrados, não são tão frequentes como, por exemplo, no inglês.

⁸ Perini e Fulgêncio (1987:81) analisam esta frase, explicando a omissão do objeto, neste contexto, por previsibilidade. Veja-se que, se o objeto fosse "um ovo grande", deveria vir expresso.

⁹ Neste, e em outros exemplos a seguir, as aspas assinalam a oração enunciada pelos falantes. A parte fora das aspas remete-nos ao teste proposto.

¹⁰ A numeração é minha.

¹¹ Os julgamentos marcados nos exemplos abaixo referem-se à adequação, ou não, do conjunto: pergunta/resposta.

¹² Parte deste exemplo já havia sido mencionada antes, sob o número (33).

¹³ Observe-se que o verbo banhar-se sugere um registro mais formal que a locução tomar banho. Mas, para as distinções em desta que, relativas à interpretação do sujeito nas estruturas de "objeto incorporado", o exemplo é pertinente.

14 Parte do exemplo (150) já havia sido apresentada antes, como (15). Aqui aparece sob outra numeração por se tratar de um trecho mais extenso que o apresentado em (15).

15 Mais adiante vou explicar o que se entende por estrutura de "backgrounding" (fundo).

16 Para os objetivos desta parte, não é necessário estabelecer-se diferença entre as chamadas orações absolutas e as coordenadas: ambas serão aqui incluídas no rótulo de independentes.

17 Por complexidade pressuposicional, Givón (op. cit., p. 49) entende, principalmente, "o grau de dificuldade que o falante pensa que o ouvinte terá para assinalar referência única a um argumento ("participante", "sintagma nominal") no discurso.

18 Alguns exemplos que ilustram as observações desta parte, com referência à relação entre "figura"/"fundo" e "objeto incorporado", são apresentados no apêndice.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, etapa inicial de uma pesquisa mais ampla, procurei descrever e analisar estruturas portando "objeto incorporado" em português.

Na primeira seção, tive por objetivo a explicitação do arcabouço teórico em que me baseei. Procedendo ao levantamento dos traços que, segundo Hopper e Thompson (1980), caracterizam as estruturas transitivas prototípicas, busquei focalizar mais de perto o objeto direto canônico.

A seguir, na segunda parte, apresentei primeiro uma descrição das características do "objeto incorporado" em português, confrontando-as com as do objeto típico. Para tanto, foram levados em conta traços morfo-sintáticos e semânticos-pragmáticos. O que se verificou, dentre outros fatos, foi que os "nomes incorporados" se apresentam em sua forma básica e não vêm acompanhados de determinantes, adjetivos ou outros modificadores. Semanticamente, não são pacientes típicos, isto é, não representam entidades bem individualizadas e totalmente afetadas pela ação/evento. Além disso, são nomes não-referenciais, não funcionando, pois, como tópicos do discurso (no sentido de Givón (1984)), argumentos passíveis de terem um papel de destaque no texto ulterior. Em decorrência desses traços, eles recusam a retomada pronominal, quer na função de sujeito, quer na de objeto.

Outras peculiaridades aqui apontadas que distinguem os complementos em pauta do objeto direto canônico foram as seguintes: a sua aneposição, a sua clivagem ou a sua retomada pelos elementos

o que/quem são pouco naturais.

Mediante esses fatos, foi aventada a hipótese de que verbo + "nome incorporado" parecem constituir, na verdade, uma só expressão, um todo semântico. Como evidência a favor dessa hipótese, foi citada, por exemplo, a "estranheza" que nos causam estruturas em que há a intercalação de advérbios de modo entre verbo e "objeto incorporado", ao contrário do que se observa em orações transitivas típicas.

Todas essas características fundamentaram a conclusão de que o "objeto incorporado" contribui para um menor grau de transitividade das sentenças em que ocorrem.

Na subseção seguinte, fiz uma primeira tentativa de distinguir tipos diferentes da construção em foco. Examinados os dados, pôde-se constatar que algumas dessas estruturas de "nome incorporado" são mais estereotipadas, cristalizadas, do que outras. Compõem elas um primeiro grupo, onde se encontram, por exemplo, expressões de "xingamento" correntes em nossa língua.

Já o segundo grupo é integrado por estruturas de grande produtividade no português, embora não tenha o mesmo caráter estereotipado do primeiro.

Finalmente, como um terceiro tipo, arrolam-se aqueles casos em que a expressão constituída de verbo + "objeto incorporado" pode ser substituída por um verbo simples, cognato do nome complemento (exemplo: fazer massagem - massagear). Com referência a esse último caso, ficou claro que não há verdadeira equivalência entre as orações com verbo simples e aquelas com "nome incorporado". Tanto é que se detectaram diferenças entre alguns pares

contrastados. De qualquer modo, a minha opinião é de que as formas diversas de codificação do evento refletem diferentes perspectivas sob as quais o falante se coloca.

Em 2.3., foi minha intenção verificar se as características do "objeto incorporado", descritas em 2.1., se manifestavam nos discursos efetivamente produzidos. Para isso foram analisadas, aproximadamente, 6 horas de narrativas orais espontâneas, nas quais aparecem 110 casos de "objeto incorporado". Foi possível, a partir do exame de cada um deles, constatar a adequação de todos os traços anteriormente levantados com referência a esse complemento.

Nesta parte, procurei destacar, ainda, a não-topicalidade do "nome incorporado", conforme se observa nos dados colhidos nas gravações.

O passo seguinte foi a análise dos contextos em que os "objetos incorporados" ocorreram. Ainda que prematura e provisoriamente, foi averiguada a adequação, ou não, da hipótese, aventada por Hopper e Thompson, de uma correlação entre graus de transitividade e as noções de "figura"/ "fundo". A conclusão (provisória, re pito) foi de que parece haver evidência a favor dessa idéia. Assim é que a incidência de "objeto incorporado" é maior em estruturas de "backgrounding", quase todas mais pressuposicionais; portanto, orações que se afastam das transitivas canônicas, com referência também a outros dos parâmetros citados por Hopper e Thompson.

Por fim, na última parte, o objetivo foi demonstrar que o princípio da iconicidade, defendido por Haiman (dentre outros), atua também nesse tipo de estrutura ocorrente no português.

APÊNDICE

I. "Objeto incorporado" em orações de "foregrounding":

(154) "(...) aí eu sentei em lôtus.. na cama.. e fiquei em silêncio olhando pra cara deles... eles me deram remédio, a febre diminuiu, mas o estado de consciência não."

(155) "Quando ela entrou no... no metrô eu fiquei bordando na plataforma, a porta ia fechar em cima de mim, eu voltei pra trás, aí ela deu adeus pra mim e eu do lado de fora e ela do lado de dentro horrorizada d'eu ter ficado sozinha..."

(156) "(...) Um bando de crianças apareceu descendo a escada, aquele barulho de crianças descendo a escada e eu pensei: "agora eu tô perdida né? (...) esse bando aqui e eu sozinha, vão me assaltar, né?" Oh! me fizerem companhia, seguraram minha mala, puseram no trem, tudo em paz. Isso aqui no Rio de Janeiro não ia acontecer ja - mais (...)"

(157) "Então, devido a seu atraso, ele encontrou mais uma vez com ela. E.. foi.. passaram uma tarde ótima, né, fizeram amor e tudo. E depois disso, ele foi.. foi em bora, né (...)"

(158) "A viagem, sabe, a ida pra Recife tava boa até... Fui, daqui eu fui pro Rio e do Rio eu fiz conexão pra Recife."

I.1- Discurso direto:

(159) "Aí ele virou pra mim e falou assim: "É, doutora, cê tem que tomar cuidado, senão isso vai virar uma pneumonia, hein?"

(160) "Falei assim: "Ah! vou puxar conversa com ele". Daqui até lá subi conversando com ele até lá... na porta de lá, eu fui pro lado ele foi pra outro, cada um foi fazer a sua prova."

(161) "(...) e ele disse assim que: "Eu vou assinar livro coisa nenhuma! Cês deviam ter vindo aqui era pra ajudar puxar o... os bois aí na exposição..."

(162) "Aí ele falou é..." se eu der um remédio pra senhora, a senhora toma?" Eu falei: "tomo". Aí ele falou assim: "a senhora toma água inglesa com bicabornato três dias e faz repouso que a senhora vai melhorar."

II. "Objeto incorporado" em orações de "backgrounding":

- (163) "Então ela continuou com os olhos fechados.. e chegando lá em Fortaleza continuou o tratamento... Agora dia 15, dia 28 de março fez a cirurgia aqui em Belo Horizonte e eu espero que tenha êxito."
- (164) "(...) aí... antes disso passa um, um casal em que um cara tá com um vidro de remédio, ele disse que tomava remédio, aí... um dos médicos que tava na mesa de inscrição dá uma cheiraça (...)."
- (165) "Agora isso não, se ganha menino tem que assumir; nem que seja sozinha, apesar de ser coisa difícil."
- (166) "E uma coisa também interessante demais, lá, é que nós fomos lá num lugar na Baía dos Golfinhos onde ficam os golfinhos. (...) No dia que a gente foi de barco, lá, é incrível, os golfinhos saem da baía e vêm no barco. Eles gostam. Se cê fica dando, dando tapa, assim no casco do barco, eles vêm acompanhando o barco sem.. ficar fazendo piraqueta, sai em cima da água, fica dando pulo mas... uma coisa incrível! Eles não deixam tocar neles (...)."
- (167) "(...) a maioria das moças da escola namora com estudante de medicina, porque é a maioria do pessoal com quem a gente tem contato, né?"

- (168) "Eu não dava sossego pra minha mãe. Tudo que eu via de gostoso, eu mandava minha mãe comprar pra mim."
- (169) "Esses riachozinhos, eles são... a água é relativamente limpa. Eles usam pra tomar banho, pra... pra lavar roupa, mas num bebem da água não."
- (170) "Bom. A gente tem uma matéria que chama semiologia mental. Então a gente.. pra.. poder ter contato com o paciente psiquiátrico, a gente faz umas visitas aos hospitais psiquiátricos. Então eu fui um dia desses lá no Galba Veloso (...)."
- (171) "A gente tinha uma aula de farmácia lá no ICB, pra gente fazer experiência com inje.. injeção de droga, né.. nos rato, as cobaia (...)."
- (172) "Então eu achei super-interessante, era uma delícia... ficar dando banho naqueles nenem pequenininho (...)."
- (173) "É.. lá na ilha num tem nem.. não tem água doce, não tem rio, não tem nada. A água que existe lá, a água pra tomar banho, pra fazer comida, é coletada da chuva."
- (174) "(...) isso é uma visão o quê? ... empresarial.. é uma visão de empresa privada, isso é... num vale a pena num é lucrativo cê tê.. um professor dando aula pra três alunos. Isso é o quê? mentalidade empresarial.. privativista (...)."

- (175) "Aí começou a escorrer sangue na infiltração do banheiro para a sala, o sangue começou a pingar. O cachorro que estava lá embaixo começou a lamber o sangue, a aquela, e aquele dram... aquela tensão e o cara lá fazendo chazinho p-a ela, né?"
- (176) "(...) a grande maioria dos políticos eram oportunistas, não tinha compromisso nenhum com a sociedade, queriam ... olhavam só o seu lado. A maior parte da população em dificuldades, passando fome (...)."
- (177) "(...) não sei se te contei que quando a gente entrou nas Unidades, nós fomos na pior, numa das piores, então eles têm retardo mental. Tipo assim: tem 27 anos mas acha que tem 3. Então uns estavam peladinho mesmo, outros tomando banho lá no meio do pátio, ensaboando lá."
- (178) "E a gente aqui na south America não sabe nada né, chega e só dá mancada, mas aí até eu contar esses casos todos, o pessoal ficava cheio: chega!"
- (179) "Eu cansei de agachar pra pegar ficha de telefone e moedinha. Os caras fazem sacanagem... Eles colam o negócio no chão."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORKIN, Ann. Problems in form and function. Norwood, New Jersey, Ablex Publishing Corporation, 1984.
- COMRIE, Bernard. Markedness, grammar, people, and the world. Artigo mimeografado. University of Southern California, 1983.
- DU BOIS, John W. Beyond definiteness: the trace of identity in discourse. In: CHAFE, Wallace L. Ed. The pear stories. Norwood, new Jersey. Ablex Publishing Corporation, 1980.
- GIVÓN, Talmy. On understanding grammar. New York, Academic Press, 1979.
- _____. Syntax. A functional-typological introduction. Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1984. V. I.
- HAIMAN, John. Iconic and economic motivation. Language, 59(4): 781-819, 1983.
- HOPPER, Paul J. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, T. Ed. Syntax and semantics. New York, Academic Press, 1979; V. 12.
- HOPPER, Paul e THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. Language 56(2): 251-299, 1980.
- _____. The discourse basis for lexical categories in

- universal grammar. Language 60(4): 703-752, 1984.
- KIPPY, Adriano da Gama. Lições de análise sintática; teoria e prática. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1970.
- LAROV, William. Language in the inner city. Philadelphia. University of Pennsylvania Press, 1972.
- LAKOFF, G. e JOHNSON, M. Metaphors we live by. Chicago, The University of Chicago Press, 1980.
- LUFT, C. Pedro. Moderna gramática brasileira. Porto Alegre, Globo, 1976.
- PERINI, M. A. e FULGÊNCIO, L. Notas sobre a transitividade verbal. Linguística aplicada ao ensino de português. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- PERINI, Mário Alberto. Sintaxe portuguesa. São Paulo, Ática, 1989.
- PONTES, Eunice. O tópico no português do Brasil. Campinas, Pontes, 1987.
- ROCHA, Antônio de Abreu. Nova análise sintática. Belo Horizonte, Vigília, 1962.
- SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. Movimento de advérbio de modo em português. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, FALE/UFGM, 1978.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. A elipse de preposição no português à luz dos princípios da motivação econômica e da motivação icônica. ANAIS DO XXXIV GEL. Santos, 1987.

808.8
C122
1992
V.2
ETR

Cadernos de Pesquisa; V. 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
AV. PASTEUR, 228 - MARACÃS - RJ
20091-900